

Macau 澳門



ENTREVISTA

**PORTUGAL AVANÇA
PARCERIA COM RAEM,
DIZ CÔNSUL-GERAL**



**ATLETAS LOCAIS ASPIRAM
A BONS RESULTADOS
NOS JOGOS ASIÁTICOS**

**DÓCI PAPIAÇAM
TRÊS DÉCADAS A
DIVERTIR(-SE) EM PATUÁ**

**INTEGRAÇÃO REGIONAL
CIRCULAR NA GRANDE
BAÍA MAIS FÁCIL**

DESPORTO COM AMBIÇÃO TURÍSTICA

O **turismo desportivo** está a transformar-se numa das principais apostas do Governo para trazer mais visitantes a Macau e ajudar a diversificar a economia



中葡商貿 導航



CONDUTA DO COMÉRCIO CHINA-PLP



“中葡商貿導航”是為有意開拓發展中國以及葡語國家市場的企業、機構及個人，提供一系列搭橋鋪路的支援服務，讓企業和機構能夠順暢地向目標前進，服務包括：

A “Conduta do Comércio China-PLP” fornece uma série de serviços de ligação e de apoio às empresas, instituições e indivíduos com interesse em explorar e desenvolver os mercados da China e dos Países da Língua Portuguesa, permitindo às empresas, instituições e indivíduos atingirem com facilidade os seus objectivos, os serviços abrangem os seguintes:

更多“中葡商貿導航”服務的資訊，
請掃描二維碼
Para mais informações dos serviços da
“Conduta do Comércio China-PLP”, por favor
proceda à leitura do código QR:



中文



Português

- 商貿諮詢
Consultoria de negócios
- 轉介約見
Encaminhamento ou encontro
- 成立公司
Constituição de empresas
- 產品或服務的供求配對
Emparelhamento de produtos e serviços
- 宣傳推廣
Publicidade e promoção
- 舉辦或參與活動
Realização ou participação em actividades
- 投資項目配對
Emparelhamento de projectos de investimento
- 簽訂合作協議
Celebração de acordos de cooperação

Macau 澳門

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | FAX (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTORA

Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITOR EXECUTIVO

Alberto Au

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | FAX (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR

Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Ashley Chou

TIRAGEM

500 exemplares

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

ISSN

0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



TWITTER

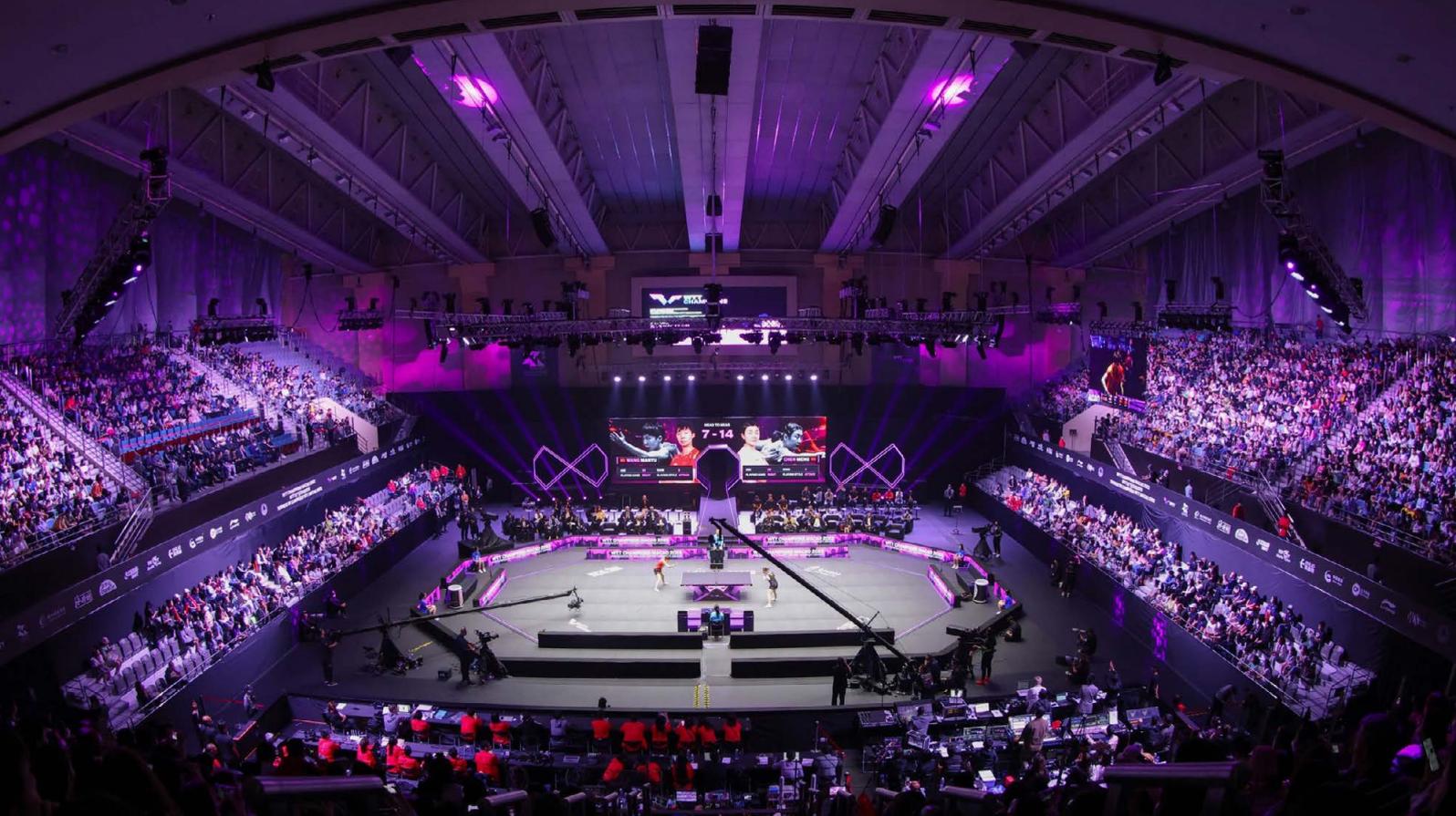
App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo



MACAU APOSTA NO POTENCIAL DO TURISMO DESPORTIVO ◀20

O “Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia (2024 - 2028)” deve consagrar o desporto como um dos caminhos para estimular um crescimento mais célere de outros sectores e atrair um maior número de visitantes internacionais



CONDUÇÃO SEM BARREIRAS ◀8

A integração regional está a acelerar, também no campo rodoviário



O VERDE DO COTAI ◀14

Zona Ecológica do Cotai celebra duas décadas de existência



ENTREVISTA

RELAÇÃO PORTUGAL-RAEM COM “ENORME POTENCIAL QUE VALE A PENA CONCRETIZAR” ◀34

O Cônsul-Geral de Portugal em Macau, Alexandre Leitão, afirma que aprofundar parcerias nas áreas da cultura, economia e comércio é prioridade



Dóci forma de vida

◀56

Único grupo de teatro em patuá celebra 30 anos a olhar para o futuro



Em busca da glória

◀72

Macau leva delegação de 180 atletas aos Jogos Asiáticos de Hangzhou

OUTROS TEMAS

30 ▶ LOJA HUNG HENG
FEZ DO COCO
NEGÓCIO CENTENÁRIO

40 ▶ SECTOR TECNOLÓGICO
EM FORTE EXPANSÃO
NA GRANDE BAÍA



48 ▶ FÓRUM DE MACAU
O MAR COMO MOTOR
DE CABO VERDE

52 ▶ COOPERAÇÃO CHINESA
APOIA EDUCAÇÃO
NA GUINÉ-BISSAU



64 ▶ OS PRIMÓRDIOS DA
HOTELARIA MODERNA

+MACAU

+ 78

Como Macau se desenhou em Wilson Lam



+ 83

Raymond Vong: a tradição ainda é o que era



+ 86

Roteiro





© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Ho lat Seng esteve na Assembleia Legislativa em Agosto

RAEM apoia portugueses no ensino básico

O número de escolas do ensino básico da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) a ensinar português deve em breve chegar às 40, afirmou o Chefe do Executivo, Ho lat Seng, em Agosto, durante uma reunião plenária da Assembleia Legislativa. De acordo com o líder do Governo, das 77 escolas locais de ensino básico, 36 oferecem já a disciplina de português, permitindo que as crianças do território comecem a aprender língua portuguesa desde tenra idade.

De acordo com Ho lat Seng, o ensino do idioma articula-se com o papel de Macau como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa, uma missão que

o Governo Central atribuiu ao território e que representa, ao mesmo tempo, uma vantagem competitiva para a RAEM. O Chefe do Executivo confirmou, de resto, que a VI Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) deve decorrer no próximo ano na cidade, estando os respectivos trabalhos de preparação em curso.

Durante a reunião plenária de Agosto da Assembleia Legislativa, o Chefe do Executivo respondeu a questões colocadas por 31 deputados, abrangendo temas como economia, educação, saúde e habitação, entre outros.

POLÍTICA

Ponte do Delta abre ao sector da carga

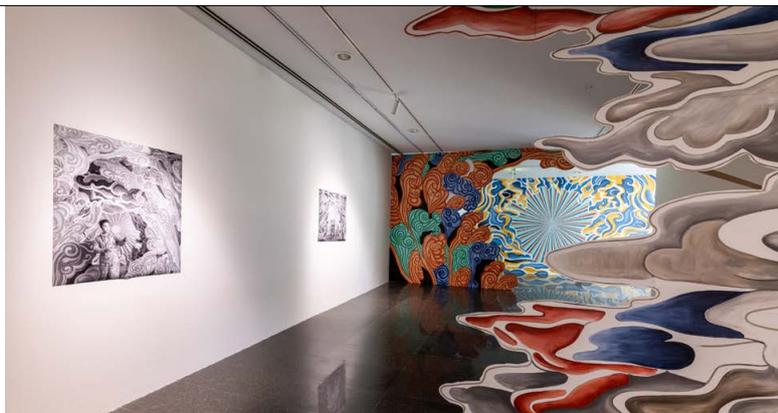
O Posto de Transferência de Mercadorias Transfronteiriço de Macau da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau foi oficialmente inaugurado em Agosto. De acordo com o director dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico, Tai Kin Ip, a infra-estrutura oferece novas oportunidades para o sector da logística de Macau.

Com a entrada em funcionamento do posto de transferência, o transporte de carga entre Hong Kong e Macau passa a poder ser realizado também por meio terrestre, além de marítimo. As empresas interessadas em utilizar os serviços da infra-estrutura podem consultar a respectiva página electrónica (<https://www.dsedt.gov.mo/ptmt/pt/>) para obter mais informações.



© DSSED

LOGÍSTICA



“A Estatística da Fortuna”, exposição principal da Arte Macau 2023

Arte Macau enche a cidade de exposições

Decorre até ao final de Outubro a “Arte Macau: Bienal Internacional de Arte de Macau 2023”. O mega-evento cultural e artístico vai trazer ao território um total de 30 exposições e centenas de obras, abrangendo desde pintura a escultura, bem como arte com recurso a inteligência artificial.

A exposição principal da bienal, intitulada “A Estatística da Fortuna”, encontra-se patente ao público no Museu de Arte de Macau,

apresentando 118 obras da autoria de 42 artistas provenientes de 18 países e regiões. A Arte Macau 2023 inclui também seis instalações de arte pública da autoria de artistas de diferentes pontos do globo.

Para saberem mais sobre o evento e as várias exposições, os interessados podem consultar a página electrónica da Arte Macau (www.artmacao.mo) ou as respectivas contas oficiais no Instagram, Facebook ou WeChat.

CULTURA

2,8 milhões

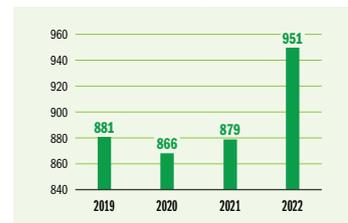
Número de turistas que visitaram Macau em Julho, o valor mais elevado desde Janeiro de 2020, antes da pandemia da COVID-19



NÚMERO

Cidade do desporto

Número total de clubes desportivos



FONTE: DSEC

A prática desportiva está a crescer em Macau. No ano passado, o número de clubes desportivos registados no território registou uma forte subida, impulsionada pelo aumento das agremiações ligadas aos desportos com bola.

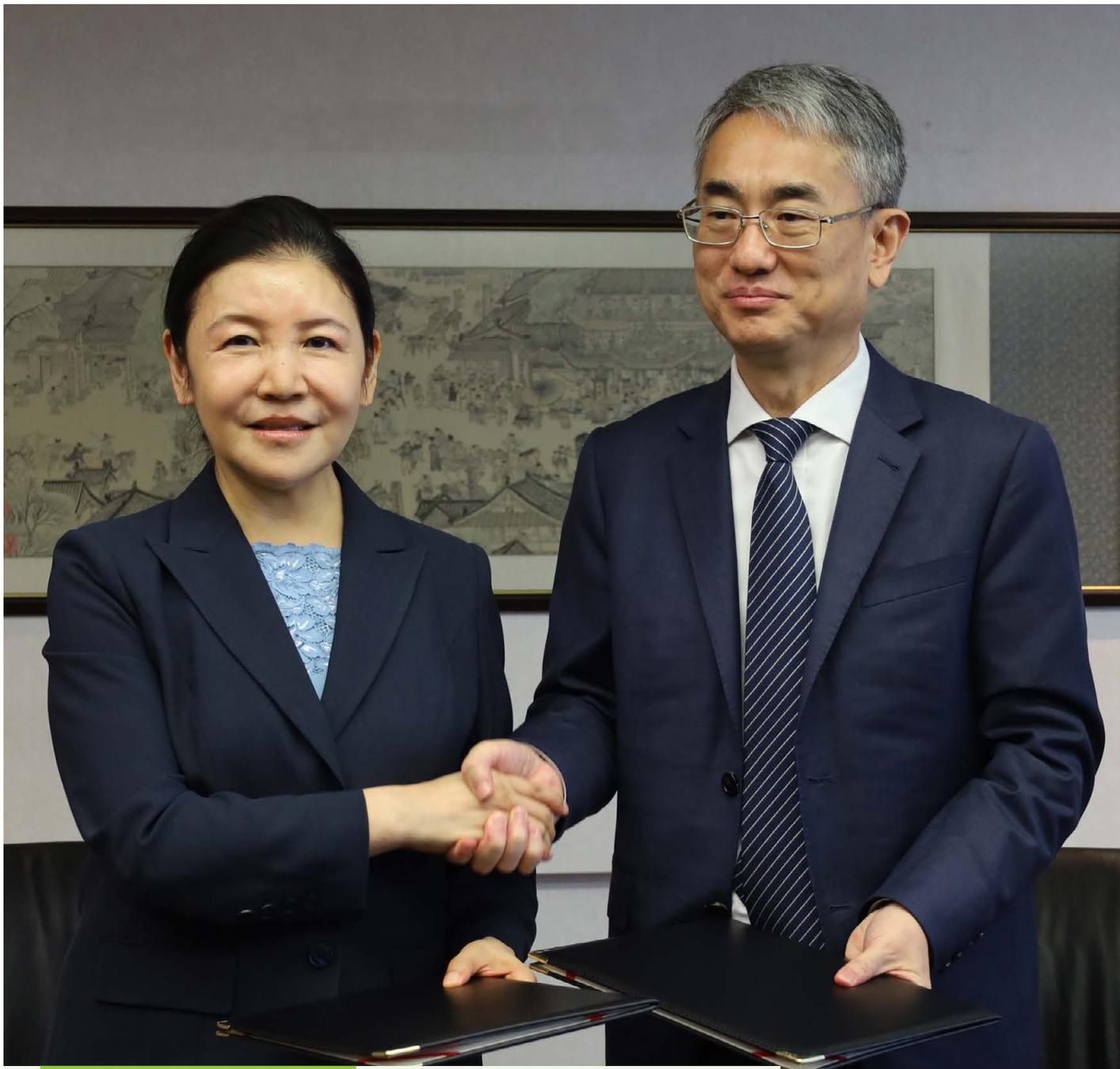
GRÁFICO



“O Governo da RAEM pretende aumentar a taxa de reciclagem de Macau através da construção ou optimização de várias instalações de tratamento de resíduos”

TAM VAI MAN
DIRECTOR DA DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS
DE PROTECÇÃO AMBIENTAL

FRASE



Intercâmbio profícuo

A MINISTRA DA JUSTIÇA, He Rong (esq.), visitou Macau em Julho. Durante a deslocação ao território, a responsável reuniu-se com o Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, tendo ainda mantido um encontro com o Secretário para a Administração e Justiça, Cheong Weng Chon (dir.), durante o qual as duas partes discutiram diversos temas, incluindo a salvaguarda do Estado de Direito no âmbito do projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. A delegação chefiada por He Rong visitou ainda várias conservatórias locais e um cartório notarial, a fim de conhecer melhor o regime dos registos e do notariado no território.

▲ FOTO © GABINETE DO SECRETÁRIO PARA A ADMINISTRAÇÃO E JUSTIÇA



Prestação dourada

A DELEGAÇÃO DE MACAU aos Jogos Mundiais Universitários 2023, que decorreram em Chengdu, na província chinesa de Sichuan, entre Julho e Agosto, conquistou um total de sete medalhas. Wong Sam In (na foto, ao centro), estudante de informática na Universidade de Macau (UM), conquistou o ouro na variante nanquan, em wushu, além de uma medalha de bronze na variante nandao. ▲

FOTO © UM



Exposição atrai milhares

A FEIRA DE PRODUTOS de Marca da Província de Guangdong e Macau (GMBPF) 2023, que decorreu no final de Julho, registou cerca de 90 mil visitas. No âmbito do evento de quatro dias, co-organizado pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) e pelos Serviços do Comércio da Província de Guangdong, foram assinados 54 protocolos de cooperação. ▲ FOTO © IPIM



INTEGRAÇÃO REGIONAL

De mãos no volante

Há cada vez menos barreiras à circulação de veículos particulares de Macau e Hong Kong no seio da Grande Baía: foram várias as políticas a esse respeito que entraram em vigor este ano, abrindo (ainda mais) a porta aos fluxos rodoviários regionais. Mais do que facilitar o vai e vem de automóveis, as medidas têm vindo a estimular uma crescente integração a nível comunitário e económico

Texto | Viviana Chan

HÁ muito que Kin Hoi desejava conduzir no Interior da China, mas esse desejo só se tornou realidade este ano, quando as autoridades passaram a permitir a circulação de veículos particulares de matrícula única de Macau na província de Guangdong. À Revista Macau, o residente de 34 anos diz que, desde que obteve a documentação necessária para circular na região vizinha, em Maio, conduz quase todas as semanas até Zhuhai na companhia da família.

Foi em Janeiro que a política de circulação de veículos da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) na província de Guangdong entrou em vigor. No âmbito desta medida, os residentes da RAEM elegíveis – um dos requisitos é que possuam salvo-conduto

para deslocação ao Interior da China – podem requerer uma licença provisória para entrada e saída do Interior da China para o seu veículo particular registado em Macau. Cada automóvel pode ser destinado ao uso de dois condutores previamente designados. Aprovada a licença provisória, os veículos podem entrar e sair de Guangdong múltiplas vezes, mediante pré-marcação e sempre através do Posto Fronteiriço de Zhuhai da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau. A permanência por cada entrada em Guangdong não pode ser superior a 30 dias consecutivos e a permanência anual não pode ultrapassar 180 dias. Anteriormente, apenas veículos da RAEM que estavam também registados no Interior da China – sob o denominado sistema de “matrícula dupla” – podiam circular

em Guangdong (pelo menos para lá da Ilha de Hengqin).

Por outro lado, desde meados de Maio que está em vigor um acordo de reconhecimento recíproco das cartas de condução entre ambos os lados. Os residentes permanentes de Macau que sejam titulares de carta de condução válida do território podem obter directamente, com dispensa do exame, a carta de condução do Interior da China.

Kin Hoi já tinha carta de condução emitida pelas autoridades do outro lado das Portas do Cerco, obtida ainda antes de ser implementado o regime de reconhecimento mútuo de cartas de condução. Por isso, na primeira viagem que fez a Zhuhai após ter garantido a sua licença provisória de circulação em Guangdong, optou logo por ir na sua viatura particular. Para a família, a

rumo ao norte

© CHEONG KAM KA



A entrada no Interior da China no âmbito da política de circulação de veículos de Macau em Guangdong é feita através da ponte sobre o Delta do Rio das Pérolas

medida veio não só simplificar as movimentações entre os dois lados da fronteira, como facilitar as deslocações dentro de Zhuhai e as visitas a cidades da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau que ficam mais longe, nomeadamente Zhongshan.

Por outro lado, Kin Hoi é pai de uma criança de quatro anos: segundo diz, ir a parques infantis ou recreativos em Zhuhai tornou-se agora uma rotina familiar. “A cidade tem muitos locais indicados para famílias”, afirma. Além disso, os preços das actividades de entretenimento são baixos, refere, acrescentando que o combustível no Interior da China também é barato, assim como os custos de reparação ou manutenção de um veículo.

Tráfego mais integrado

A política de circulação de veículos particulares de Macau na província de Guangdong entrou em vigor a 1 de Janeiro. Uma iniciativa similar, entre Hong Kong e Guangdong, teve início a 1 de Julho. O principal propósito é promover uma maior integração na região da Grande Baía.

Até ao dia 13 de Julho deste ano, tinham sido registados em Macau mais de 43 mil pedidos para licença provisória de circulação no Interior da China. De acordo com a Direcção dos Serviços para os Assuntos de Tráfego, estima-se que cerca de 80 mil veículos do território cumpram os requisitos para requerer esta licença. Por sua vez, as autoridades de trânsito de Hong Kong tinham já

recebido cerca de dez mil inscrições antes da entrada em vigor da medida referente ao território vizinho. As estimativas apontavam para que cerca de 450 mil proprietários de veículos particulares em Hong Kong pudessem beneficiar da iniciativa. Até meados de Julho, tinham sido registadas mais de 310 mil entradas em Zhuhai de veículos com matrícula única de Macau através da nova política, com um recorde de 100 mil entradas registado em Maio.

As novas políticas de circulação regional trouxeram, por arrasto, um enorme impulso quanto à utilização da ponte sobre o Delta do Rio das Pérolas, a mega infraestrutura que liga as cidades de Hong Kong, Zhuhai e Macau. Segundo as autoridades de trânsito em Guangdong, 2023 tem sido um ano de pico no que concerne ao tráfego na ponte. Em Julho, a média diária de veículos que utilizou a infra-estrutura para entrar ou sair do Interior da China ascendeu a mais de 8.800, com mais de 80 por cento a serem automóveis ligeiros de passageiros.

Maior proximidade comercial

A facilitação da circulação rodoviária entre Macau, Hong Kong e Guangdong está a trazer mudanças à Grande Baía não só ao nível dos transportes, mas também do comércio e, em termos mais amplos, da própria economia. Aeson Lei Ian Leong, presidente da Associação da Indústria de Restauração



Zhuhai tem zonas comerciais mais desenvolvidas... Tal constitui uma oportunidade para as pequenas e médias empresas de Macau

**AESON LEI
IAN LEONG**
PRESIDENTE
DA ASSOCIAÇÃO
DA INDÚSTRIA DE
RESTAURAÇÃO
DE MACAU



Estima-se que 80 mil veículos de Macau cumpram os requisitos para poderem circular em Guangdong

© CHEDONG KAM KA

de Macau, confirma que a política trouxe “impacto à estrutura da economia” do território. “Os residentes de Macau gostam de fazer compras no Interior da China: a medida trouxe um grande impulso ao consumo dos residentes fora de Macau”, explica, dando como exemplos os sectores da restauração, entretenimento e da beleza e bem-estar, bem como da reparação de veículos.

O responsável não vê as alterações como negativas: Aeson Lei considera que a sociedade de Macau deve “abraçar as mudanças” proporcionadas pela integração regional. Ainda assim, admite que

algumas empresas locais estão a passar por um processo de ajustamento, em particular aquelas localizadas nos bairros comunitários.

Na sua opinião, as pequenas e médias empresas (PME) de Macau “devem manter uma boa qualidade de serviço, explorando ainda mais as oportunidades existentes em Hengqin e nas outras zonas da Grande Baía”. O dirigente associativo sublinha que a pandemia da COVID-19 e as mudanças verificadas na estrutura do turismo local levaram a que “as PME estejam mais conscientes dos riscos que correm, existindo a ideia de que os negócios não devem estar

demasiado concentrados numa só zona ou região”.

De resto, a política de circulação de veículos particulares de Macau em Guangdong pode também ser utilizada em prol das empresas da RAEM, para promover a sua expansão para o Interior da China, considera Aeson Lei. Muitas PME locais, sublinha, estão atentas às oportunidades de investimento em Zhuhai, uma zona central no âmbito da circulação dos veículos de matrícula única de Macau e de Hong Kong no Interior da China, uma vez que estes são obrigados a entrar por essa cidade, através da Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau.

“Zhuhai tem zonas comerciais mais desenvolvidas e temos agora, em Hengqin, o projecto residencial do Novo Bairro de Macau, que está na fase de recrutamento de lojistas e retalhistas”, enumera o dirigente da Associação da Indústria de Restauração. “Tal constitui uma oportunidade para as PME de Macau.” O responsável acrescenta que tanto as autoridades como os proprietários dos centros comerciais de Zhuhai estão também “mais proactivos” na atracção de empresas de Macau.

Jack Lei, director da agência e consultora imobiliária Centaline, confirma que o sistema de circulação de veículos particulares de Macau em Guangdong está a introduzir mudanças no ambiente comercial regional. Isso, explica, reflecte-se no mercado imobiliário: de acordo com a Centaline, se as projecções para a valorização dos espaços comerciais em alguns bairros comunitários de Macau são actualmente mais conservadoras, já para Zhuhai a perspectiva é oposta, fruto da maior integração regional.

Elevada procura

Para a entrada em Guangdong dos veículos de matrícula única de Macau, foi estabelecido um sistema de pré-marcação, com quotas limitadas, cujo número tem gradualmente vindo a aumentar. Lao Ngai Leong, delegado da RAEM à Assembleia Popular Nacional (APN), diz à Revista Macau que



A circulação de veículos de Macau no Interior da China teve um evidente significado positivo para o desenvolvimento regional

LAO NGAI LEONG
EMPRESÁRIO E
DELEGADO DA RAEM
À ASSEMBLEIA
POPULAR NACIONAL

as autoridades de ambos os lados devem melhorar a coordenação do fluxo de trânsito entre as regiões e otimizar o sistema de atribuição de quotas.

O também empresário de Macau com vários investimentos em Zhuhai entende que, de uma forma geral, a medida de circulação no Interior da China teve “um evidente significado positivo para o desenvolvimento regional”, tendo sido “acolhida e apoiada, de forma activa, pela maioria dos residentes de Macau”. Contudo, em matéria económica, Lao Ngai Leong admite que há lugar a um ajustamento face às mudanças geradas. Assim, “deve haver uma maior coordenação com a regulamentação existente no mercado”.

De qualquer forma, Lao Ngai Leong entende que é necessário olhar para o tema com uma perspectiva alargada. A promoção das políticas do Governo Central a favor de Macau não deve ser afectada por eventuais consequências localizadas e de curto prazo, “sob pena de comprometer os frutos já obtidos por um grande número de residentes de Macau e, mais importante, a própria participação da RAEM no processo de cooperação regional”, nota.

Oportunidades para o negócio

O empresário Alex Mo, proprietário de vários espaços de restauração em Hong Kong, Macau



Zhuhai está a tornar-se num destino para a expansão de empresas sediadas em Macau e Hong Kong

ALEX MO
EMPRESÁRIO

© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



A maioria dos veículos a utilizar a Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau para entrar ou sair do Interior da China já são automóveis ligeiros de passageiros

e Zhuhai e de uma consultora especializada na área, é um dos vários homens de negócios apostados em aproveitar as oportunidades criadas pela circulação de veículos particulares de Macau e Hong Kong em Guangdong, nomeadamente em Zhuhai. O negócio das PME em várias zonas da cidade chinesa sofreu uma grande melhoria, denota o empresário.

Alex Mo afirma que há cada vez mais empresas de Macau e Hong Kong de olho em Zhuhai. A sua consultora disponibiliza apoio e ferramentas a quem queira abrir um negócio no Interior da China na área da restauração. “Zhuhai está a tornar-se num destino para

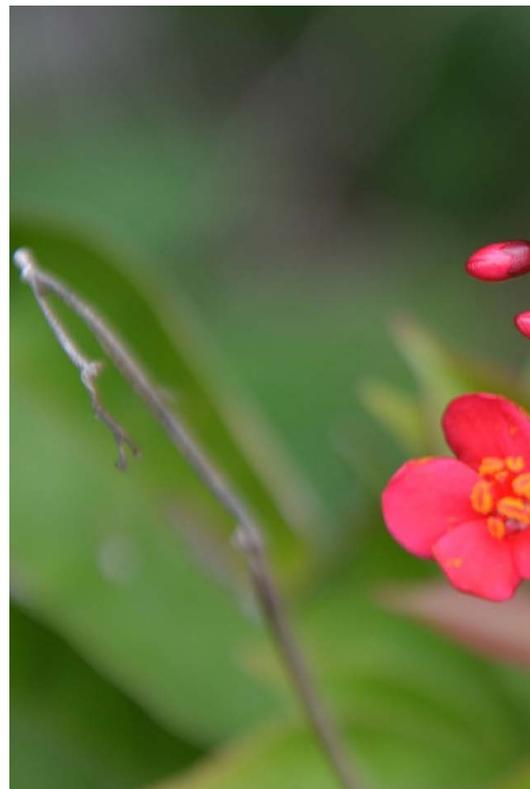
a expansão de empresas sediadas em Macau e Hong Kong”, assegura.

Alex Mo recorda que as fronteiras entre o Interior da China e Hong Kong estiveram fechadas durante cerca de três anos, devido à COVID-19, o que originou uma desconexão na partilha e acesso a informações. Assim, grande parte dos consumidores de Hong Kong desconhecem as tendências de negócio em voga no Interior da China neste momento. “Nasceram boas marcas na área da restauração e os residentes de Hong Kong não tiveram oportunidade de as experimentar. Nesse sentido, penso que é agora oportuno estabelecer uma nova ligação”, remata. ▲

RESERVA ECOLÓGICA DO COTAI

Natureza em estado puro

Estabelecidas há cerca de duas décadas, as zonas ecológicas do Cotai são um oásis verde na malha urbana de Macau, servindo de casa a centenas de diferentes espécies vegetais e animais. Anualmente, abrigam de forma temporária dezenas de colhereiros-de-cara-preta, uma ave em perigo de extinção



Texto | Cherry Chan

NO seio do Cotai, a escasas dezenas de metros de alguns dos resorts integrados mais movimentados do planeta, situa-se um dos principais tesouros naturais de Macau: a Reserva Ecológica do Cotai. O espaço – composto por um complexo de zonas húmidas – procura fornecer um ambiente adequado à alimentação e descanso de diversos tipos de aves, incluindo o colhereiro-de-cara-preta, espécie na qual é inspirado o “Mak Mak”, a mascote

do turismo de Macau. Vinte anos depois do seu estabelecimento, a reserva ecológica é hoje também um local-chave para a organização de várias actividades educativas ambientais.

O espaço é administrado pela Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental (DSPA). Situa-se junto à Ponte Flor de Lótus, na zona oeste do Cotai, e ocupa um total de 55 hectares.

A área encontra-se dividida em dois lotes. Na Zona Ecológica I, com 15 hectares, foi constituído um espaço de descanso para aves: a zona inclui arbustos aquáticos, canaviais e árvores, bem como

canais de água que fazem a ligação ao canal de Shizimen, o qual separa o Cotai da Ilha de Hengqin, já parte do município de Zhuhai. Foram também instalados observatórios de aves junto do dique sul desta zona ecológica, de forma a facilitar a observação das diferentes espécies que vivem na reserva.

Já na Zona Ecológica II, ocupando os restantes 40 hectares, existe uma área para alimentação de aves. Esta zona está situada na costa oeste do Cotai, fazendo fronteira a norte com o complexo hoteleiro Broadway Macau. Inclui três ilhas artificiais e um passadiço para visitas, localizado junto dos



No ano passado, o número máximo de colhereiros-de-cara-preta registados nas zonas ecológicas do Cotai foi de 34



© DIRETOS RESERVADOS

O colhereiro-de-cara-preta

A RESERVA Ecológica do Cotai recebe todos os anos, entre o final de Outubro e Abril do ano seguinte, centenas de aves migratórias, que aí passam o Inverno. A espécie mais icónica é, sem dúvida, o colhereiro-de-cara-preta: estas aves podem ser vistas a descansar nas margens da Zona Ecológica I e nas ilhas da Zona Ecológica II, ou alimentando-se junto à Ponte Flor de Lótus.

O colhereiro-de-cara-preta é originário do Este e Sudeste Asiático. A época reprodutiva da espécie decorre entre os meses de Março a Setembro, na Península da Coreia e na província chinesa de Liaoning. Durante o Inverno, estas aves migram para regiões mais quentes, no sul da China – incluindo Macau – e no norte do Vietname.

O seu ágil bico, em forma de espátula, permite ao colhereiro-de-cara-preta apanhar camarões e caranguejos. A ave pode atingir cerca de 76 centímetros de altura e pesar perto de um quilo.

Devido à destruição do seu habitat natural em diversas regiões da Ásia, o colhereiro-de-cara-preta é hoje considerado pela União Internacional para a Conservação da Natureza como uma espécie ameaçada. De acordo com a organização, em 2017, a população mundial de colhereiros-de-cara-preta estava estimada em apenas 2250 indivíduos adultos, embora demonstrando uma tendência de recuperação. ▲

lodaçais, por onde proliferam fauna e flora típicas de mangal.

Estímulo à biodiversidade

“Temos de fazer uma boa utilização dos recursos das zonas húmidas”, explica Lei Kampeng, técnico superior do Centro de Gestão de Infra-estruturas Ambientais, sob a alçada da DSPA, numa referência à Reserva Ecológica do Cotai. “Temos vindo a otimizar as instalações nas zonas ecológicas, como com a construção de alguns observatórios, para que as pessoas possam observar as aves de perto sem perturbar o seu habitat”, refere o responsável.

Os resultados obtidos até agora pela gestão da reserva são encorajadores. “Investigamos a biodiversidade actual e podemos ver que temos cada vez mais espécies”, diz Lei Kampeng.

Segundo dados da DSPA, até finais de 2022, tinham sido contabilizadas nas zonas ecológicas cerca de 680 espécies vegetais e perto de 1200 espécies animais. Os amplos recursos alimentares existentes na reserva ecológica têm, ao longo dos tempos, servido para atrair aves migratórias, que aproveitam para aí descansar: até ao final do ano passado, tinham sido detectadas cerca de 190 espécies de aves nas zonas ecológicas.

“Esperamos proteger a biodiversidade aqui”, nota Lei Kampeng. “Por isso, estamos a trabalhar para criar melhores condições.”

A Reserva Ecológica do Cotai desempenha um importante papel nas rotas migratórias de diversas espécies de aves. Entre estas destaca-se o colhereiro-de-cara-preta: trata-se de uma espécie objecto de protecção especial na China. Em 2022, o número máximo observado de colhereiros-de-cara-preta nas zonas ecológicas foi de 34.

Foi durante os idos anos 1990s que foram detectados os primeiros colhereiros-de-cara-preta em Macau: foram inicialmente contabilizados 20, numa altura em que a população mundial total estava estimada em cerca de 900 animais. A identificação desta ave rara no território alertou as autoridades locais e o público para o risco de extinção da espécie. A descoberta impulsionou

a decisão, em 2001, de estabelecer uma reserva ecológica no Cotai, tendo em vista promover a preservação da biodiversidade de Macau.

No final de 2003, o estabelecimento da Zona Ecológica I foi concluído. Já os trabalhos relativos à Zona Ecológica II terminaram em meados do ano seguinte.

Promover a educação ambiental

A Reserva Ecológica do Cotai não serve apenas para salvaguardar a biodiversidade local. É uma janela privilegiada para que a população possa aprender mais sobre as espécies autóctones do território e a importância de proteger os recursos naturais de Macau.

Desde 2012 que a Zona Ecológica I – que se encontra vedada – está disponível para visitas organizadas de escolas e outras entidades, mediante marcação. Já a zona II é aberta e de acesso livre para quem queira conhecer melhor a natureza de Macau. “Alguns dirigentes de escolas comentam que as visitas realmente ajudam os estudantes a compreenderem os sistemas ecológicos locais”, conta Lei Kampeng.

Os visitantes são, na maioria, jovens que, por sua vez, podem posteriormente promover a importância da protecção ambiental junto do resto da família, afirma o representante da DSPA. “Diríamos que este é um caso em que os jovens lideram os mais velhos: incutindo-lhes a importância da conservação ambiental desde tenra idade, podem sensibilizar todos em seu redor para a protecção do ambiente.”

Natureza inclusiva

Nas zonas ecológicas, são organizadas regularmente várias actividades abertas à população em geral, incluindo “dias abertos” ao público e workshops destinados a famílias. Durante a época de passagem das aves migratórias, que decorre entre Novembro e Abril, a DSPA realiza passeios regulares de observação de pássaros: os participantes – orientados por instrutores qualificados – podem entrar nos postos de observação da reserva ecológica e, munidos de material



Mapa da Reserva Ecológica do Cotai

Parque Natural da Barragem de Hác-Sá



© DIRETOS RESERVAIS

Outros pontos verdes

A LÉM da Reserva Ecológica do Cotai, existe em Macau uma rede de quatro parques naturais, composta pelo Parque de Seac Pai Van, o Parque Natural da Taipa Grande, o Parque Natural da Barragem de Hác-Sá e o Parque Natural da Barragem de Ká-Hó. Estes espaços servem para proporcionar à população oportunidades de contacto com a natureza, bem como para promover a protecção dos recursos naturais de Macau e estimular a educação ambiental.

Ocupando uma área de cerca de 198 mil metros quadrados, o Parque Natural de Seac Pai Van localiza-se na zona oeste da ilha de Coloane. Graças ao seu valor educativo, ecológico, paisagístico e científico, o parque passou a ser uma zona protegida em 1981, estabelecendo um precedente ao nível da educação ambiental em

Macau. Em 1984, tornou-se o primeiro parque natural do território. Numa das suas encostas, encontra-se o Pavilhão do Panda Gigante.

Já o Parque Natural da Taipa Grande está localizado na região leste da ilha da Taipa. Conta com uma área total de cerca de 559 mil metros quadrados.

Situado a sudeste da colina central de Coloane, o Parque Natural da Barragem de Hác-Sá possui 377 mil metros quadrados. Um dos seus destaques é a área de plantas aquáticas.

Por fim, o Parque Natural da Barragem de Ká-Hó, no nordeste da ilha de Coloane, ocupa uma área de 506 mil metros quadrados. A sua principal atracção é a pequena barragem aí existente, em torno da qual existe um trilho na natureza. ▲



Os observatórios de aves permitem conhecer de perto a fauna local, sem perturbar o seu habitat

especializado, ver diferentes tipos de pássaros no seu habitat natural.

As vagas são limitadas para cada actividade e usualmente esgotam rapidamente, de acordo com Leong Man U, técnica superior do Centro de Gestão de Infra-estruturas Ambientais. “Recebemos muitas sugestões do público para aumentar o número de participantes”, refere a responsável, acrescentando que, porém, “o mais importante, a prioridade, é a conservação e a protecção” da reserva ecológica. “Demasiadas pessoas causarão perturbações no ambiente e, por isso, temos de controlar o número”, salienta, embora sem deixar de enfatizar os esforços da DSPA

para viabilizar todos os pedidos de visita recebidos.

Leong Man U sublinha, de resto, que a reserva ecológica é um espaço de toda a comunidade. “Há algo de que nos orgulhamos muito: estamos abertos a todos os diferentes grupos da sociedade – por exemplo, recebemos pessoas com necessidades especiais”, afirma. “Estas pessoas podem não ter tantas oportunidades de visitar diferentes locais, mas estamos a tentar fazer todos os esforços para as ajudar a conhecer as zonas ecológicas. Por exemplo, para os visitantes com deficiência visual, tentamos que aprendam sobre as aves através de outros sentidos, como

Santuário de vida selvagem

Até ao final de 2022, mais de 1800 espécies animais e vegetais tinham sido identificadas na Reserva Ecológica do Cotai. Desde algas a répteis e pequenos mamíferos, as duas zonas ecológicas que compõem a reserva surpreendem pela diversidade da vida selvagem que abrigam.

Espécies registadas:

280 algas

4 musgos

546 insectos

103 peixes

5 anfíbios

21 répteis

11 mamíferos

190 aves

683 outros

ouvindo os seus sons, sentindo as suas penas, etc.”

Além das visitas e workshops, são ainda realizadas na reserva ecológica actividades de formação para guias. Depois de devidamente preparados, estes juntam-se, por vezes, às actividades da DSPA como voluntários. ◀

MACAU

8/3



STARMAC
Entertainment Production Ltd
澳門星娛樂製作有限公司

永利

DIVERSIFICAÇÃO ECONÓMICA

A força do desporto

No âmbito da estratégia de diversificação económica do Governo, o desporto surge como uma das principais apostas. A Revista Macau foi falar com empresas locais que estão empenhadas na organização de eventos desportivos, para descobrir de que forma é que o sector pode apoiar a diversificação da economia local e ajudar a expandir as fontes de turistas para o território



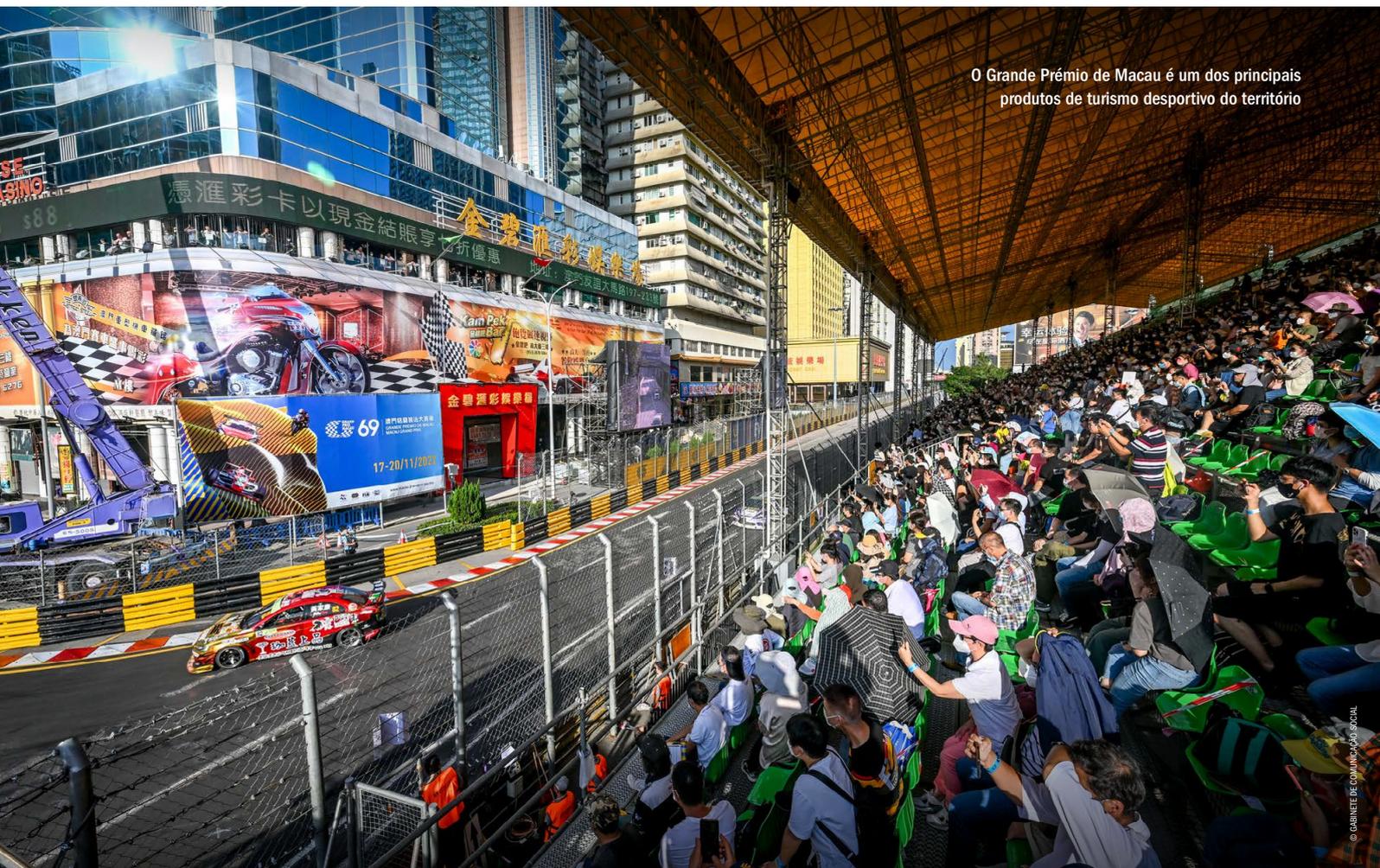
Texto | Vitória Man Sok Wa

“**M** AIS rápido, mais alto, mais forte”: o mote olímpico assenta que nem uma luva às metas definidas pelo Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) para a indústria desportiva no âmbito do processo de diversificação económica da cidade. As autoridades locais esperam que o desporto possa estimular um crescimento mais célere de outros sectores económicos, ajude a elevar a marca “Macau” a nível internacional e sirva para fortalecer a indústria turística.

A estratégia é para surgir já plasmada no “Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia (2024 - 2028)”, a ser divulgado em breve. De acordo com a versão do plano colocada a consulta pública em Agosto, um dos projectos prioritários para

os próximos cinco anos é a “promoção do desenvolvimento da indústria cultural e criativa de Macau com o recurso contínuo a eventos desportivos de marca”, visando aprofundar “a integração diversificada das respectivas indústrias, de modo a impulsionar ainda mais o processo de industrialização do desporto de Macau”.

A aposta na indústria desportiva encontra respaldo no âmbito da estratégia governamental “1+4” de diversificação adequada da economia. Esta é uma das indústrias consideradas de desenvolvimento prioritário – em paralelo com as áreas da tecnologia de ponta, da “big health”, da indústria financeira moderna, e das convenções, exposições, comércio e cultura –, através de apoio do sector basilar do turismo e lazer. O desporto é também um dos componentes do modelo de desenvolvimento “turismo +”, advogado pelo Governo no “Relatório das Linhas de Acção Governativa para o Ano Financeiro de 2023”: uma das tarefas neste campo prende-se com a organização de competições desportivas



O Grande Prémio de Macau é um dos principais produtos de turismo desportivo do território

de grande envergadura que tenham a cidade como palco, de forma a atrair mais visitantes para Macau.

O apelo dos motores

O turismo desportivo não é uma novidade para a economia de Macau. O Grande Prémio de Macau é um exemplo óbvio, trazendo anualmente à cidade milhares de apaixonados pelo desporto motorizado, os quais não só enchem as bancadas do Circuito da Guia, como também consomem nos restaurantes do território e pernoitam nos hotéis locais.

De acordo com uma investigação sobre o impacto da edição de 2012 do Grande Prémio de Macau, levada a cabo pelo Instituto de Estudos sobre o Jogo Comercial



“ Para o ‘FIBA 3x3 World Tour Macau Masters 2023’, além da promoção mais tradicional, feita através de publicidade em cartazes, meios de comunicação social e plataformas digitais, reforçámos a promoção no Interior da China

RYO LOU KIT LONG
DIRECTOR-EXECUTIVO DA COMPANHIA
DE RECREAÇÃO E PRODUÇÃO STARMAC

da Universidade de Macau, o retorno económico do evento para a cidade foi equivalente a 8,82 vezes o investimento realizado pelas autoridades locais, superando a marca dos 1,4 mil milhões de patacas. Deste total, cerca de mil milhões de patacas de retorno foram referentes a benefícios intangíveis, nomeadamente ligados à promoção da marca “Macau” a nível mundial. O estudo concluiu ainda que o tipo de visitante atraído pelo Grande Prémio gastava acima da média em sectores como o alojamento, espectáculos em resorts integrados e transportes, ficando em Macau por mais tempo do que a generalidade dos outros turistas.

De 2012 para cá, a oferta local ao nível de eventos e competições de grande dimensão tem vindo a ser alargada, uma tendência apenas interrompida pela pandemia da COVID-19. A iniciativas com lugar já marcado no calendário anual local – como a Maratona Internacional ou as Regatas Internacionais de Barcos-Dragão – juntaram-se mais recentemente outras, beneficiando do apoio das concessionárias de jogo e que resultam numa oferta mais diversificada. Exemplo disso são o Torneio de Campeões WTT de ténis de mesa, a Regata Internacional de Macau de vela ou o regressado Macau Open de golfe.

Criada em 2017, a Companhia de Recreação e Produção StarMac Lda. co-organizou em Julho a prova “FIBA 3X3 World Tour Macau Masters 2023”, em parceria com o Instituto do Desporto da RAEM. O evento, parte do calendário oficial da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA), contou com o patrocínio de uma das operadoras de jogo locais.

Nas bocas do mundo

A StarMac é liderada por Ryo Lou Kit Long, considerado um pioneiro na área da produção de eventos desportivos em Macau, tendo estado ligado à organização de inúmeras competições, incluindo em conjunto com instituições de ensino superior e associações locais. O envolvimento da StarMac no basquetebol de três contra três começou em 2021, quando a empresa, juntamente com o Instituto do Desporto, organizou o evento “FIBA 3X3 Macau Masters Wynn Cup Greater

Bay Area Qualification Tournament”. A competição foi realizada em várias cidades da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, nas quais foram disputadas as fases preliminares, seguidas de uma fase final em Macau. Os jogos decorreram em recintos localizados nos principais pontos turísticos de cada cidade. Na RAEM, por exemplo, as partidas foram disputadas em campos temporários colocados para o efeito junto das Ruínas de São Paulo e do Templo de A-Má, bem como num dos resorts integrados da cidade.

Ryo Lou diz que o “FIBA 3X3 Macau Masters Wynn Cup Greater Bay Area Qualification Tournament” foi um caso de sucesso de como utilizar o desporto para promover o turismo. “Nesta competição, recebemos participantes de muitas cidades da China, e, apesar de ter decorrido durante a pandemia, foi possível trazer algumas centenas de turistas a Macau”, recorda.

Em Julho deste ano, decorreu o “FIBA 3X3 World Tour Macau Masters 2023”, já integrado no circuito mundial da modalidade. “O ‘FIBA 3x3 World Tour’ é



Macau tem excelentes condições para acolher eventos desportivos diversificados

JAIRO CALANGI
CO-FUNDADOR DA MR.J SPORTS
& ENTERTAINMENT EVENTS
PLANNING COMPANY

a principal competição internacional de basquetebol de três contra três”, enfatiza Ryo Lou, salientando o impacto turístico do evento. “Os bilhetes esgotaram rapidamente e devemos ter atraído perto de mil turistas e espectadores para Macau”, revela. A somar a isso, “a competição foi transmitida em directo nos canais digitais oficiais internacional e chinês da FIBA”, elevando o evento – e Macau – a uma “celebração desportiva de nível mundial”, destaca Ryo Lou.

Padrões de qualidade

O empresário coloca agora a fasquia mais alta, sublinhando as oportunidades abertas pelo fim das restrições à COVID-19 e o regresso à normalidade. A empresa está já a preparar o 2023 “Macau Snooker Masters”, a ter lugar no final de Dezembro e contando igualmente com o apoio de uma concessionária de jogo. A prova vai trazer a Macau alguns dos nomes mais sonantes da modalidade, incluindo Ronnie O’Sullivan, sete vezes campeão do mundo, e Ding Junhui, o primeiro jogador asiático de snooker a atingir o topo do ranking mundial do desporto.

Ryo Lou admite que organizar torneios desportivos de grande envergadura é exigente. As equipas de produção locais estão obrigadas a observar rígidos padrões de qualidade, de forma a cumprir os requisitos impostos pelos organismos internacionais que tutelam cada uma das modalidades. “Por exemplo, segundo a FIBA, que supervisiona as competições de topo da modalidade de basquetebol de três contra três, para cada partida, temos que preparar cerca de 12 posições de câmara para realizar a transmissão do jogo em directo com qualidade internacional”, refere.

No que toca ao marketing e promoção dos eventos desportivos, o empresário salienta que a qualidade dos atletas envolvidos não basta para captar a atenção do público mundial. Ryo Lou usa o exemplo do “FIBA 3x3 World Tour Macau Masters 2023”: “Além da promoção mais tradicional, feita através de publicidade em cartazes, meios de comunicação social e plataformas digitais, reforçámos a promoção no Interior da China”.



A prova “FIBA 3x3 World Tour Macau Masters 2023” foi transmitida em directo nos canais digitais oficiais internacional e chinês da Federação Internacional de Basquetebol

O responsável explica a complexidade do mercado do outro lado das Portas do Cerco. “Dado que o mercado chinês é vasto, não podemos usar apenas métodos tradicionais como em Macau. Por isso, convidámos KOLs [influenciadores digitais] para promover o evento nas plataformas digitais mais populares na China. Além disso, visitámos muitas associações e departamentos relacionados com o desporto localizados em cidades chinesas onde existem grandes quantidades de fãs de eventos desportivos, o que tornou a promoção mais eficaz.”

Ryo Lou admite que, pela proximidade geográfica e capacidade de consumo, os turistas do Interior da China são bastante importantes para o sucesso do turismo desportivo em Macau. No entanto, acrescenta, vários dos eventos que a StarMac organiza envolvem alguns dos melhores atletas do mundo, pelo que também têm capacidade para atrair visitantes internacionais.

Desporto e lazer de mãos dadas

De acordo com a visão proposta pelo Governo no documento de consulta a propósito do “Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia (2024 - 2028)”, o papel do desporto na promoção da diversificação económica vai para lá da organização

em Macau de grandes eventos de competição. É referido o objectivo de apoiar a implementação de projectos com elementos desportivos e de lazer, capazes de atrair turistas internacionais e que contribuam para “impulsionar o desenvolvimento sinérgico e integrado” entre as indústrias do turismo e lazer e do desporto. É destacada a necessidade de conceber produtos desportivos “mais diversificados e ricos, virados para o mercado juvenil e familiar”, que possam atrair para o território famílias, em “escapadinhas” de fim-de-semana ou durante o período de férias escolares.

É neste segmento que se posiciona a MR.J Sports & Entertainment Events Planning Company Ltd., empresa local criada em 2019 e que organiza competições e workshops desportivos. Um dos co-fundadores é Jairo Calangi, que faz parte de uma nova geração de jovens empreendedores apaixonados pelo desporto. O também jogador de basquetebol estudou nos Estados Unidos, onde completou uma licenciatura na área da gestão de eventos na Universidade de Nevada, tendo ainda trabalhado nesta área em Las Vegas, antes de regressar a Macau.

À Revista Macau, Jairo Calangi explica que a empresa se dedica à realização de iniciativas de pequena e média dimensão, apostando na criatividade. Contas

feitas, nos últimos quatro anos, foram já mais de meia centena os eventos que organizou. Além de competições de formato mais tradicional, a empresa também introduziu modelos inovadores em Macau, como o “Macau Office Chair Challenge” – uma corrida em cadeiras de escritório – ou o “Super Kids Macau”, uma prova de obstáculos para crianças para promover a prática de exercício físico entre os mais novos.

Jairo Calangi diz que várias iniciativas da empresa têm tido sucesso em atrair turistas para Macau. Por exemplo, o “Greater Bay Cup Taekwondo International Series - Macau, China”, que decorreu no Pavilhão Polidesportivo Tap Seac em Agosto, terá trazido ao território cerca de uma centena de turistas, maioritariamente do Interior da China.

Em Dezembro, será organizado o “Beijing Basketball Game for Chinese of the World – Macau”, prova de basquetebol destinada a jogadores da China e da diáspora chinesa, com as idades dos participantes a variar entre os 18 e os 70 anos. A este respeito, Jairo Calangi destaca a capacidade de consumo dos turistas seniores, usualmente mais elevada.

O empresário nota que, segundo vários estudos, a taxa de visitantes ligados ao turismo desportivo que regressam a um destino – para voltar a participar numa competição – é relativamente mais elevada do que aquela referente aos turistas em geral que retornam ao mesmo destino. Isto, porque, considera o responsável, voltar a participar numa competição é também uma oportunidade para rever amigos e conhecer pessoas novas com interesses similares.

Crescer em conjunto

A MR.J Sports & Entertainment Events Planning gere também um ringue coberto de patinagem, o Mr.J SkatePark, no complexo hoteleiro Lisboaeta Macau, em pleno Cotai. De acordo com Jairo Calangi, este é um tipo de infra-estrutura de que Macau não dispunha anteriormente. “Por isso, surgiu a ideia de criar uma pista com ambiente de festa dos anos 1980 e, claro, com ar condicionado, de forma a integrar o desporto com o entretenimento e o turismo.”



A forma como a publicidade e as promoções se integram com os eventos desportivos, quer sejam de média dimensão ou de escala internacional, pode trazer muitos benefícios

JENNY CHUNG
PROFISSIONAL DA ÁREA DA COMUNICAÇÃO



O desporto está a desempenhar um papel importante, diria mesmo como nunca antes visto, em Macau

RUTGER VERSCHUREN
VICE-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
DE HOTÉIS DE MACAU

O empresário afirma que a cidade possui meios abundantes para apostar no turismo desportivo. “Macau tem excelentes condições para acolher eventos desportivos diversificados: temos muitos adeptos de desporto no nosso território e, como têm sido realizados muitos eventos desportivos internacionais, não faltam recursos para apoiar a actividade”, afirma. No entanto, refere, são necessários mais profissionais especializados. “A organização de eventos desportivos é uma especialização para a qual não existe ainda experiência suficiente.”

No âmbito dos eventos que organiza, a MR.J Sports & Entertainment Events Planning colabora com várias pequenas e médias empresas do território, desde marcas locais de produtos desportivos a restaurantes de alimentação saudável, agências de turismo e hotéis. Jairo Calangi enfatiza a integração económica estimulada pelo turismo desportivo.

“Alguns dos nossos eventos têm centenas de participantes de várias cidades da China e de outros países”, refere o empresário. “A nossa equipa pode ajudar esses participantes, que acabam também por ser turistas, a reservar hotéis, restaurantes e viagens de lazer.”

Durante os seus eventos, a MR.J Sports & Entertainment Events Planning costuma também “organizar feiras com bancas para que empresas locais possam vender e promover os seus produtos”, diz Jairo Calangi. Por exemplo, no evento “Super Kids Macau”, visto que o público-alvo eram crianças, foram disponibilizadas bancas promocionais para que centros de explicações locais pudessem apresentar a sua oferta.

A empreendedora Jenny Chung está num segmento diferente do da MR.J Sports & Entertainment Events Planning: não é organizadora de eventos, mas sim uma profissional da área da comunicação, que fundou

© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



O turismo desportivo de lazer para famílias é um dos segmentos que Macau quer desenvolver

em 2021 a plataforma digital “Pulsesbox”, dedicada a divulgar informações sobre desporto e estilos de vida saudável. “Sempre gostei de desporto e de manter um estilo de vida saudável. Durante a pandemia, os meus amigos e os residentes de Macau em geral começaram a prestar mais atenção à saúde. Além disso, devido às restrições de viagem, o desporto tornou-se mais popular. Foi assim que tive a ideia de criar um canal para promover eventos desportivos e estilos de vida saudáveis”, conta.

A empreendedora acredita que o conceito “turismo + desporto” pode contribuir para impulsionar as indústrias culturais e criativas, incluindo no campo da comunicação. “A forma como a publicidade e as promoções se integram com os eventos desportivos, quer sejam de média dimensão ou de escala internacional, pode trazer muitos benefícios”, garante. “Ao patrocinarem um evento desportivo, as empresas podem aumentar a sua visibilidade, o reconhecimento da sua marca, construir uma relação com o público e fidelizar clientes. No geral,

os eventos podem incentivar os sectores do marketing e das vendas. Estes produtos periféricos aos eventos desportivos são a nossa direcção de desenvolvimento”, destaca a profissional da área da comunicação.

Explorar as oportunidades

O vice-presidente da Associação de Hotéis de Macau concorda que o desporto pode desempenhar um papel importante na atracção de mais turistas internacionais para o território. “A indústria hoteleira e do turismo valoriza o conceito ‘turismo + desporto’”, garante Rutger Verschuren, acrescentando que “o turismo desportivo tem um potencial enorme”.

“Especialmente depois da pandemia da COVID-19, o desporto está a desempenhar um papel importante, diria mesmo como nunca antes visto, em Macau”, afirma o responsável, embora admita que ainda é cedo para medir o respectivo impacto na indústria hoteleira. “Este ano, já houve alguns eventos desportivos



© INSTITUTO DO DESPORTO

O Macau Open de golfe regressa em Outubro, após um interregno de cinco anos



O Pavilhão Polidesportivo Tap Seac recebeu em Abril o Torneio de Campeões WTT de ténis de mesa

em Macau”, diz. “Temos assistido a um crescimento do número de turistas e da ocupação de quartos. Ou seja, esses eventos têm atraído não só os locais, mas também pessoas do outro lado da fronteira.”

Nas palavras de Rutger Verschuren, “Macau é muito forte na cultura, no entretenimento, na gastronomia e na educação”. “No entanto, o desporto é um sector importante que devemos explorar”, acrescenta, apontando para as “diversas instalações desportivas de que o território dispõe” e que lhe permitem acolher provas ligadas a um amplo leque de modalidades desportivas. Segundo refere o também director-geral dos hotéis Artyzen Grand Lapa e Grand Coloane Resort, a estratégia “turismo + desporto” pode trazer mais visitantes à cidade e criar motivos adicionais para que os turistas prolonguem a sua estadia no território e gastem mais em sectores como a hotelaria, restauração e atracções turísticas.

O responsável espera que a indústria do turismo e outros sectores façam uso da criatividade para oferecer produtos temáticos aos visitantes com base no

desporto. “De certa forma, um evento desportivo não é apenas o evento em si, mas pode traduzir-se também em pacotes especiais para quem participa, através, por exemplo, de bebidas especiais ou programas de fitness”, exemplifica. Esse é já o caso do Artyzen Grand Lapa: o complexo hoteleiro, com vista privilegiada para o Circuito da Guia, disponibiliza pacotes especiais temáticos durante os dias do Grande Prémio. Aliás, Rutger Verschuren acredita que o Grande Prémio deste ano – a 70.ª edição, e que, por isso, vai excepcionalmente decorrer durante dois fins-de-semana ao invés de um – vai atrair muitos turistas em Novembro, incluindo do estrangeiro, já que a normalização dos voos internacionais para Macau continua a progredir a bom ritmo.

“Além do Governo e dos resorts integrados que organizam eventos desportivos, as outras empresas também devem desempenhar um papel importante na estratégia ‘turismo + desporto’”, defende Rutger Verschuren. “Podemos fazer mais e melhor nos próximos tempos para que isso aconteça.” ◀



COMÉRCIO TRADICIONAL

Felicidade com sabor a coco

Com mais de 150 anos de história, a loja Hung Heng fez da especialização no comércio de coco em diferentes formatos uma fórmula de sucesso. A marca nativa de Macau é um dos poucos sítios no território onde é ainda possível comprar cocos para oferenda de casamento, uma tradição local

Texto | Cherry Chan

Fotografia | Leong Sio Po

A ÁREA que envolve a Rua da Tercena, a Rua de Cinco de Outubro, a Rua do Teatro e a Travessa do Armazém Velho é uma das mais antigas e, ainda hoje, pitorescas da península de Macau. Aí, é possível encontrar algumas das lojas mais tradicionais do território. Entre elas está o estabelecimento Hung Heng, com raízes que remontam aos tempos da dinastia Qing e especializado na comercialização de produtos à base de coco.

Situada desde o início na Rua da Tercena, a loja é hoje uma das últimas na cidade – se não mesmo a derradeira – dedicada à venda exclusiva de produtos de coco produzidos de forma artesanal. Criada em 1869, a gestão está actualmente

a cargo de Lei Heng Keong, bisneto do fundador.

A localização espelha as raízes centenárias do estabelecimento, que não possui qualquer outra filial. Isto porque o nome chinês da Rua da Tercena remete para a venda de fruta, já que esta era uma zona onde existiam diversos comércio desse tipo. E não é só o nome da rua que carrega simbolismo: o mesmo acontece com a própria denominação da loja. Lei Heng Keong explica que o carácter chinês “Hung” significa “bastante” e “grande”, reflectindo a esperança do seu bisavô de que o negócio pudesse prosperar. O certo é que a loja vai já na quarta geração da família.

O actual proprietário nota que a Hung Heng sempre se dedicou à venda de produtos à base de coco, desde polpa a água de coco ou coco estufado, assim como noz de areca, um tipo de palmeira das Índias

Orientais, afamada pelos seus efeitos medicinais. “Já não vendemos noz de areca, mas temos gelado de coco”, diz Lei Heng Keong. De resto, o gelado está hoje entre os produtos mais populares do estabelecimento comercial.

Loja tradicional, métodos artesanais

Apesar da simplicidade do espaço, existem vários apontamentos que sublinham a vetustez da Hung Heng, desde letreiros antigos a fotos de época. Pendurados à porta, estão usualmente cocos de grande dimensão, o que torna a loja fácil de encontrar. Estes são também um dos produtos característicos da Hung Heng: a oferta de cocos é parte dos ritos tradicionais de um casamento à moda chinesa em Macau.

A pronúncia da palavra “coco” em chinês assemelha-se à da expressão “com o avô e com o filho”, o que remete para uma aspiração tradicional de qualquer família chinesa: “três gerações sob o mesmo tecto” e muitos descendentes – daí a oferta desta fruta a casais de noivos, como sinal de bênção. Os cocos pendurados na entrada da Hung Heng são vendidos em pares, cada um dos quais apresentando o carácter chinês representativo da expressão “dupla felicidade” pintado a vermelho. “Este tipo de artigo é essencial para qualquer casamento tradicional chinês”, afiança Lei Heng Keong. “As pessoas ainda hoje continuam a usá-los.”



A produção de gelado de coco teve início em 1962

O proprietário assegura que os produtos de coco vendidos pela loja seguem métodos artesanais de produção, embora agora haja algum apoio de máquinas. “Ainda utilizamos formas tradicionais para extrair a água de coco, limpar e descascar a noz, bem como para cortá-la em pedaços, utilizando

água a ferver para lavar e depois ralar a polpa da fruta e finalmente extrair o leite”, enumera. De acordo com o responsável, o leite de coco só pode ser extraído com sucesso após a realização desta sequência de passos. E são necessários vários cocos para obter leite suficiente para depois utilizar na

manufatura de outros produtos. “São precisos pelo menos dez. Além disso, o processo leva tempo e envolve mais do que uma pessoa.”

Da Guerra do Pacífico ao Xiaohongshu

Em século e meio de vida dedicada à venda de produtos à base de coco, a Hung Heng enfrentou alguns desafios, como o impacto das inundações que historicamente afectam as zonas antigas da cidade. Ainda assim, a situação mais grave foi vivida durante a Segunda Guerra Mundial, no âmbito da Guerra do Pacífico. “Desde o início, usámos sempre cocos provenientes da Malásia. Durante a Guerra do Pacífico, Hong Kong e a Malásia foram ocupados e não conseguíamos importar cocos”, explica Lei Heng Keong. “Então, tivemos que fechar a loja por três anos e oito meses.”



Um dos produtos característicos do estabelecimento são os cocos decorados para oferta de casamento

“ Ainda utilizamos formas tradicionais de produção

LEI HENG KEONG
PROPRIETÁRIO DA
COCOS HUNG HENG



A Cocos Hung Heng é uma das lojas mais antigas de Macau ainda em operação

O estabelecimento também teve de se adaptar à evolução da sociedade. “O negócio de vender apenas fruta e água de coco foi fluando ao longo dos tempos. Por isso, começámos a produzir e vender gelado de coco a partir de 1962”, refere Lei Heng Keong. Em certas ocasiões, o portfolio de sabores é alargado, havendo também gelado de manga, chocolate e até de taro – mas estes não são itens regulares.

Mais recentemente, o perfil dos clientes mudou, fruto do impacto da COVID-19. “Costumávamos receber principalmente visitantes de Hong Kong, mas nos últimos anos

a tendência mudou”, explica Lei Heng Keong. As restrições ao nível das viagens, ditadas pela pandemia, levaram a que a loja se focasse no mercado do Interior da China. Através de redes sociais populares do outro lado das Portas do Cerco, como a plataforma de partilha de vídeos curtos Douyin ou o Xiaohongshu – rede social visual conhecida em inglês como “Little Red Book” –, muitos turistas chineses ficaram a saber da existência da Hung Heng, passando a integrá-la nos seus roteiros de visita a Macau.

Lei Heng Keong também destaca o apoio providenciado pelo Governo da Região Administrativa

Especial de Macau. “Estamos incluídos na lista de ‘Lojas com Características Próprias de Macau’, organizada pela Direcção dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico”, salienta o proprietário. O programa governamental, lançado em 2020, visa apoiar estabelecimentos de restauração e de comércio a retalho característicos de Macau, bem como promover a elevação da qualidade dos serviços prestados e a visibilidade das marcas locais. “O programa ajuda muito na divulgação da nossa marca junto de visitantes de outros lugares”, salienta Lei Heng Keong. ◀

VER VÍDEO AQUI ▶



ENTREVISTA

Cônsul-Geral: Portugal pode apoiar diversificação económica de Macau

Os principais sectores para a diversificação económica de Macau “convergem para aquilo em que Portugal é especialista”, existindo um vasto leque de oportunidades a explorar, diz o Cônsul-Geral de Portugal em Macau, **Alexandre Leitão**. Aperfeiçoar a prestação de serviços e aprofundar as parcerias nas áreas da cultura, economia e comércio são prioridades, tal como Hong Kong, que, segundo o representante diplomático, “tem um potencial extraordinário” para as relações com Portugal

Texto | Tiago Azevedo

Fotografia | Cheong Kam Ka

Está há pouco mais de seis meses à frente da missão consular para Macau e Hong Kong. Quais são as prioridades para o seu mandato?

Os primeiros seis meses foram muito intensos, essencialmente de prospecção, de tentativa de compreender o ponto de situação do consulado e da comunidade. As prioridades traçadas quando cá cheguei mantêm-se, isto é, em primeiro lugar, trabalhar para prestar um serviço melhor e mais rápido aos portugueses.

Encontrámos aqui uma situação muito complexa e, antes de mais, nós servimos as pessoas. Estamos num esforço enorme para tentar, até ao final do ano, reestruturar um conjunto de elementos para fazer face a uma procura de actos consulares – sobretudo passaportes e cartões de cidadão – que foi muito amplificada pela pandemia, durante a qual as pessoas não

puderam tratar da renovação dos seus documentos. Temos actualmente uma procura que é superior ao dobro do normal. Temos que fazer face a esta procura com os recursos habituais, o que é um desafio de gestão. Independentemente dessa sobrecarga, queremos também rever algumas outras áreas. No fundo, vamos tentar transformar uma dificuldade num desafio e um desafio numa oportunidade.

Paralelamente, há também uma aposta assumida na intensificação das relações económicas, aposta essa que assenta em três pilares: o investimento em Portugal, o comércio bilateral e o investimento na vertente cultural. Portugal é um país moderno e competitivo e pensamos que a cultura, a preservação do património, a defesa e a difusão da nossa língua são actividades que têm de ser desenvolvidas a par da promoção



económica. Obviamente, olhamos com atenção para o que fazem as associações ditas de matriz portuguesa e tentamos perceber em que medida as podemos ajudar.

O consulado anunciou em Julho a criação de um conselho consultivo. O que pretende alcançar com este novo órgão?

Os conselhos consultivos são constituídos em cumprimento da legislação portuguesa. A ideia é termos um grupo coeso, onde possamos discutir abertamente tudo, ouvir as opiniões das pessoas e depois, naturalmente, decidir o que fazer. Podia ter escolhido imensas constituições, porque a comunidade portuguesa aqui é muito grande, rica e diversificada, mas procurámos complementar as diferentes valências dos seus membros.

O conselho consultivo tem uma parte que é estabelecida pela lei e que é por inerência, desde logo, o presidente, que é o cônsul-geral, a responsável pela língua portuguesa, que é a directora do IPOR [Instituto Português do Oriente], os três conselheiros das comunidades e um funcionário do consulado. Podem depois ser nomeadas até seis pessoas como membros deste conselho.

Escolhi seis pessoas com base nas suas qualidades e numa tentativa de representar a variedade de interesses, actividades profissionais, idades, sexos e, obviamente, complementando com aqueles que já tinham inerência. O objectivo era fazer uma equipa que fosse o mais representativa possível da comunidade portuguesa.

Queremos ouvir os senhores conselheiros sobre as várias áreas do trabalho consular. Temos a ideia de criar três grupos de reflexão e aconselhamento

sectoriais: para nos aconselhar em matéria económica; em matéria cultural e académica; e um terceiro grupo especificamente sobre Hong Kong. Este é o Consulado Geral de Portugal em Macau e Hong Kong. Hong Kong é uma realidade distinta e nós normalmente prestamos muita atenção e dedicamos muito do nosso tempo a Macau. Eu tenciono prestar bastante atenção a Hong Kong, porque entendo que Hong Kong, além de ter muitos portugueses, tem um potencial extraordinário na intensificação das relações com Portugal.

Chegou a Macau no início do ano, quando o território começou a reduzir as restrições ligadas à pandemia da COVID-19. O que destaca como fundamental no que toca ao reactivar das relações nesta fase pós-pandémica?

Cheguei praticamente quando cessaram as restrições e, portanto, quando se pôde recomeçar um relacionamento que foi até certo ponto interrompido em 2019. Nesta área, é de realçar o agrado e a satisfação pela forma como correu a deslocação do Chefe do Executivo a Portugal [em Abril]. A escolha de Portugal como primeiro destino para uma saída ao estrangeiro teve muito de simbólico e foi correspondido em termos de cortesia pelas autoridades portuguesas de forma inequívoca. Eu penso que o apreço à manifestação, por parte de Portugal, de um carinho histórico e de uma vontade de ter uma relação especial com Macau aconteceu durante a visita.

Temos aqui uma vocação institucionalmente conferida a Macau pelas autoridades da República Popular da China de ser uma plataforma para os países de língua portuguesa, nos quais Portugal se inclui e que, em vários

“ A escolha de Portugal como primeiro destino para uma saída [do Chefe do Executivo] ao estrangeiro teve muito de simbólico





domínios, é um pouco ponta de lança, mais não seja pela própria dimensão da comunidade portuguesa. Esse é um desígnio que nós levamos a sério e entendemos que há ainda imenso trabalho a fazer para que esse objectivo seja concretizado em acções, parcerias económicas, actividades culturais e intercâmbio de pessoas.

Este ano, penso que se atingiu o número mais elevado de estudantes de instituições de ensino superior de Macau a irem estudar em Portugal, o que significa que também existe na comunidade universitária uma percepção da utilidade do relacionamento com Portugal. E não é só no domínio da aprendizagem da língua portuguesa, mas em muitas mais áreas.

A maior parte das universidades de Macau tem docentes portugueses em posições de evidência e trabalha em investigação científica em domínios que hoje interessam muito a Portugal, como a sustentabilidade, a economia verde, a economia azul, as novas tecnologias, a biomedicina e a inovação. Tudo isto são áreas em que a vontade política de Macau de promover a diversificação económica vai ao encontro do que é hoje a realidade e o empreendedorismo português, nomeadamente, a vontade de internacionalizar, de trazer mais valor acrescentado à economia e toda uma geração de jovens empreendedores que estão a lançar empresas aproveitando um investimento em Portugal que foi superior à média europeia em matéria de investigação científica.

Portanto, penso que há aqui um casamento quase perfeito, um enorme potencial que vale a pena concretizar, passando para coisas concretas como a formação e contratação de pessoas, criação de empresas, parcerias no domínio da investigação e trabalhos académicos conjuntos. É isto que realmente consubstancia uma parceria que no papel é virtuosa e óbvia.

Quais são as áreas com maior potencial para a cooperação entre Portugal e Macau?

Os vectores principais da diversificação económica de Macau convergem para aquilo em que Portugal é especialista. Nós somos notoriamente um país especialista em turismo sem ser no jogo e, portanto, somos complementares da enorme especialização que tem Macau na área do jogo.



O Chefe do Executivo recebeu em Fevereiro o Cônsul-Geral de Portugal em Macau, Alexandre Leitão

© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Somos também um país que tem belíssimas unidades no domínio da farmácia e da medicina, seja em termos de gestão ou de qualquer área deste universo da saúde. E somos um país com empresas notabilíssimas na área das novas tecnologias. Isto tem que ver também com uma mudança de valores, mas, essencialmente, de atitude geracional em Portugal.

Há um outro campo em que me parece que Portugal pode ser um grande parceiro de Macau que é todo o domínio da sustentabilidade. Portugal é um país que deliberadamente assumiu como uma prioridade a descarbonização da sua economia. Foi o primeiro país a anunciar o objectivo da neutralidade carbónica em 2050, na Conferência das Partes da Convenção Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas, que decorreu em Marraquexe [em 2016]. Somos um país ambicioso nesta matéria, apesar de termos plena consciência de que isso nos traz desafios enormes para a reconversão económica e para a competitividade.

Na economia azul estamos claramente na linha da frente. Somos um dos países mais inovadores, com mais start-ups, com mais incubadoras, com mais investigação científica e com um projecto nacional. Sobre tudo depois da Conferência dos Oceanos das Nações

Unidas, em Lisboa, no ano passado, este é um plano mais estruturado e, tenho dito, Macau pode perfeitamente aspirar a ser um dos pólos na região asiática em termos de sustentabilidade ou economia azul.

E como podem Portugal e Macau colaborar ao nível destes domínios?

Portugal está pronto a colaborar ao nível das universidades, das incubadoras e das empresas privadas, visto que este é um sector que floresce em Portugal, com projectos extremamente inovadores. Podemos encontrar aqui uma panóplia muito grande de convergências potenciais para parcerias virtuosas, que são ainda por cima amplificadas porque Macau faz parte da Grande Baía [Guangdong-Hong Kong-Macau].

Apesar de ser um território mais pequeno, comparado com Cantão, Shenzhen ou Hong Kong, Macau está visivelmente a procurar encontrar um conjunto de funções que lhe dêem destaque nesta região à volta do delta do Rio das Pérolas, que é de um potencial enorme pela sua população, pela riqueza que já tem, pelo produto que já gera e pela inovação tecnológica.

A Grande Baía representa, obviamente, uma oportunidade extraordinária. Mas esse fluxo da plataforma

não é só no sentido de levar interesses chineses para os países de língua portuguesa, também tem de ser no sentido de atrair investimento desses países para esta região. Uma área evidente é a concretização do potencial de Macau como uma porta de acesso à China, porventura, através da certificação dos bens e serviços portugueses e lusófonos.

O ambiente em Macau é mais favorável porque o empresário português, angolano ou brasileiro que se instale em Macau encontra aqui um ambiente legal e um quadro jurídico muitíssimo mais confortável, porque é muito próximo daquilo que conhece no seu país de origem. Isto é uma vantagem extraordinária para Macau, que ainda tem o português como língua de trabalho.

Acredita que o número de portugueses em Macau possa aumentar nos próximos anos. O que irá alavancar esse crescimento?

Penso que existem condições para o número de portugueses que vêm para Macau voltar a crescer: Portugal pode disponibilizar médicos, magistrados e outros portugueses qualificados para, com isso, beneficiar o esforço de desenvolvimento, crescimento e diversificação económica do território. Estou certo de que, se houver uma vontade concreta de trazer determinadas categorias de profissionais, Portugal responderá positivamente. As comunidades portuguesas são, em geral, ordeiras, trabalhadoras e trazem sempre mais-valia a qualquer sociedade onde se encontram.

Que mais se pode fazer para dar a conhecer as oportunidades existentes em Portugal junto dos empresários e investidores da China?

Esse é também um dos pilares da nossa acção, minha e do delegado da AICEP [Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal], Bernardo Pinho. Em primeiro lugar, a intensificação das trocas comerciais teria, a meu ver, um desenvolvimento extraordinário se através de Macau os produtos pudessem ter a certificação necessária para entrar no Interior da China.

Há algo que eu tenho dito com alguma insistência: os tempos mudaram e a forma para atingirmos



A vontade política de Macau de promover a diversificação económica vai ao encontro do que é hoje a realidade e o empreendedorismo português

os nossos objectivos deve ser pensada no âmbito dos compromissos do Acordo de Paris [sobre alterações climáticas]. Há aqui novos valores que emergem, por exemplo, a economia circular e a aposta na produção de proximidade, porque o transporte de mercadorias implica sempre uma pegada muito grande. Nesse sentido, há três grandes mercados: a China, os Estados Unidos e a União Europeia. Da mesma forma que, no passado, empresas europeias e americanas investiram aqui, faz todo o sentido que, no futuro, as principais empresas chinesas tenham unidades de produção também na Europa, orientadas para o mercado europeu. Portugal, nesse domínio, é um país da União Europeia e com a vantagem de ser também, evidentemente, uma plataforma de ligação ao Atlântico Sul. Lisboa é a capital europeia mais próxima de Nova Iorque, sendo também um grande ponto de distribuição, desde logo em voos para a América do Sul e, em geral, para o Atlântico Sul, onde estão seis países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, um deles o Brasil, que é um mercado enorme.

Portugal, além disso, oferece condições atractivas para o investimento, sendo um país onde existe uma previsibilidade financeira, económica e jurídica, para além de ser relativamente barato em comparação com outros países da União Europeia. Além disso, é um país que tem hoje gente extraordinariamente bem preparada do ponto de vista profissional, incluindo no campo da inovação e do desenvolvimento tecnológico. Acho que Portugal tem belíssimos argumentos para competir com quaisquer outros países na qualidade, na captação de investimento e na fixação de unidades relevantes. ◀

CORREDOR TECNOLÓGICO

Grande Baía na

A visão para um corredor tecnológico na Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau começa a ganhar forma, com centros de dados para suportar redes de computação inteligente e projectos inovadores para desenvolver um novo modelo de economia digital

Texto | Tiago Azevedo

UMA viagem pela região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau não está completa sem se conhecer os avanços tecnológicos e os corredores da inovação que percorrem as várias cidades da província de Guangdong. Desde robôs humanóides a carros eléctricos, casas inteligentes e centros de aceleradores de partículas, são vários os projectos que colocam Guangdong na vanguarda da tecnologia.

As “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, publicadas em 2019, frisaram a necessidade de estabelecer um corredor de inovação tecnológica ligando as cidades de Cantão, Shenzhen, Hong Kong e Macau. Estas quatro cidades centrais devem funcionar como “motores essenciais” do projecto da Grande Baía, segundo as directrizes do Governo Central.

O objectivo, de acordo com o documento, é criar um centro internacional de inovação tecnológica, aprofundando a cooperação entre Guangdong, Hong

Kong e Macau, para desenvolver a Grande Baía como “a locomotiva da inovação tecnológica mundial e de indústrias emergentes”.

Numa mistura de projectos suficientemente amadurecidos com produtos e tecnologias que ainda procuram espaço no mercado, a Grande Baía caminha a passos largos para se transformar num centro internacional de inovação tecnológica de influência mundial.

Foi essa a realidade que uma delegação de jornalistas de Macau foi conhecer, num périplo pela Grande Baía, organizado pelo Comissariado do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), com o apoio do Gabinete de Ligação do Governo Popular Central na RAEM.

Num discurso no primeiro dia da visita, a directora-geral do Gabinete de Relações Exteriores de Guangdong, Liu Chenzi, recordou que a Grande Baía deve ser um “centro estratégico” nesta nova fase de desenvolvimento nacional, cujo progresso deve incorporar medidas “pioneiras e de elevada qualidade”.

“Guangdong irá continuar a trabalhar conjuntamente com Hong Kong e Macau para promover e acelerar o desenvolvimento da Grande Baía, tornando esta zona numa região de classe mundial”, frisou a dirigente.

Olhos em Macau

São vários os projectos tecnológicos que ganham forma de norte a sul de Guangdong, muitos deles com o objectivo de entrarem no mercado de Macau.

Na era da robótica associada a sistemas cada vez mais inteligentes, a UBTECH Robotics – um dos cinco



rota da inovação



A capital de Guangdong, Cantão, é um dos “motores essenciais” do projecto da Grande Baía



A UBTECH, sediada em Shenzhen, lançou em 2021 a última versão do robô humanóide Walker

© DIREITOS RESERVADOS

principais fabricantes de robôs humanóides a nível global – está apostada em fazer da sua tecnologia uma realidade do dia-a-dia não só das instituições, mas também das famílias. De robôs de interacção com crianças e de apoio ao ensino a sistemas autónomos de ajuda a idosos, a empresa preconiza “levar um robô a cada família”.

Fundada em 2012, na cidade de Shenzhen, a UBTECH foi responsável por lançar no mercado chinês o primeiro robô humanóide em tamanho real, designado Walker.

Actualmente, a UBTECH possui uma vasta rede de tecnologias robóticas humanóides totalmente integradas, com base em sistemas de inteligência artificial, colaborando com cerca de 900 empresas em mais de 50 países e regiões a nível global.

Só no campo do ensino, a empresa providencia



Guangdong irá continuar a trabalhar conjuntamente com Hong Kong e Macau para promover e acelerar o desenvolvimento da Grande Baía, tornando esta zona numa região de classe mundial

LIU CHENZI
DIRECTORA-GERAL DO GABINETE DE
RELAÇÕES EXTERIORES DE GUANGDONG

Cidades da Grande Baía Guandong-Hong Kong-Macau



materiais educativos sobre inteligência artificial a mais de 3000 escolas no Interior da China, bem como a instituições em mais de 30 países e regiões. “Somos actualmente um dos principais fornecedores mundiais de materiais didácticos em termos de inteligência artificial”, sublinhou Michael Tam, director de marca da UBTECH.

Em declarações aos jornalistas de Macau, o mesmo responsável realçou que as gerações mais jovens “têm que aprender como funciona a inteligência artificial e quais as suas aplicações”.

“A inteligência artificial está a mudar o mundo, portanto, é importante que os mais jovens comecem desde cedo a aprender sobre tecnologia avançada e as suas aplicações”, referiu.

Michael Tam adiantou que a UBTECH está actualmente

a negociar com as autoridades de Macau a possibilidade de fornecer materiais didácticos e robôs às escolas da RAEM.

“Estamos em negociações com várias entidades em Macau para entrar no sector da educação, incluindo as autoridades de Macau e as escolas locais”, frisou. Além disso, acrescentou, há outras oportunidades que podem ser exploradas no mercado da RAEM, como nos sectores do turismo e da logística. “Os nossos robôs podem ser usados na área do turismo e da prestação de serviços, ajudando, por exemplo, a resolver o problema da escassez de mão-de-obra”, disse o representante da UBTECH.

Sistemas inteligentes

Também a gigante de telecomunicações e fabricante de tecnologia Huawei procura oportunidades para se

expandir em sectores específicos em Macau, nomeadamente nas áreas da construção, hotelaria e gestão de edifícios.

Em Shenzhen, a delegação de jornalistas da RAEM visitou o andar modelo das casas inteligentes da Huawei, um sistema que incorpora cada vez mais funcionalidades.

O uso de recursos que contam com conectividade através de redes sem fios e inteligência artificial começa a ser uma tendência, permitindo automatizar múltiplas tarefas e controlar diversos aparelhos à distância de um clique.

As tecnologias da Huawei nesta área podem ser aplicadas “não só em casas e hotéis, mas também na construção e gestão de edifícios e escritórios”, disse o vice-presidente do sistema de casas inteligentes da

Huawei, Oliver Wu, em declarações à Revista Macau.

Embora mais conhecida pelos seus produtos no sector das telecomunicações, a Huawei lançou oficialmente o sistema de gestão inteligente de edifícios há cerca de três anos.

A indústria hoteleira poderá ser um sector chave para o sistema da Huawei. A tecnologia inteligente da empresa pode ajudar a “economizar o uso de energia” nos hotéis e permite configurar os quartos de forma mais exclusiva para cada hóspede.

“Neste momento, estamos a considerar oportunidades no mercado de Macau, mas ainda estamos numa fase embrionária”, salientou Oliver Wu, referindo que esta tecnologia já está em uso no Interior da China. “Estamos a estudar o mercado de Macau e a ver quais as melhores soluções, até porque Macau pode ser o

© DIREITOS RESERVADOS

A indústria hoteleira poderá ser um nicho para o sistema de casas inteligentes da Huawei



ponto de partida para a expansão internacional neste segmento.”

No norte da província de Guangdong, a cidade de Shaoguan também pretende cooperar com Macau na área da alta tecnologia, nomeadamente no que toca a serviços relacionados com “big data”. A ideia foi defendida por responsáveis de Shaoguan no encontro com a delegação de jornalistas de Macau.

O Centro de Dados de Shaoguan – um dos oito pilares da rede integrada de computação nacional – espera fornecer os seus serviços a Hong Kong e Macau até 2025, funcionando como uma plataforma para o desenvolvimento da economia digital na Grande Baía. De acordo com as projecções dos responsáveis de Shaoguan, o valor da indústria de “big data” será superior a 80 mil milhões de renminbi em 2025, subindo para 200 mil milhões de renminbi cinco anos mais tarde.

O centro tem 3000 torres de servidores prontas a entrar em funcionamento, mas espera ter disponíveis cerca de 500.000 torres em 2025, providenciando alojamento para centros de dados urbanos de várias cidades na região, bem como para outras zonas do país.

Lu Qiwei, presidente da China Electronics & Eagle



Estamos dispostos a explorar modelos para a cooperação ao nível da indústria de ‘big data’ entre Shaoguan e Macau

LU QIWEI
PRESIDENTE DA CHINA ELECTRONICS &
EAGLE SOUL INTELLIGENT INTERCONNECTION
(SHENZHEN)

Soul Intelligent Interconnection (Shenzhen), empresa que gere o centro, destacou o potencial da cooperação com Macau. “Tal cooperação apresenta uma oportunidade significativa”, afirmou. “Estamos dispostos a explorar modelos para a cooperação ao nível da indústria de ‘big data’ entre Shaoguan e Macau.”

Parcerias na investigação

No que toca ao desenvolvimento e transformação tecnológica, as três regiões que compõem a Grande Baía possuem várias instituições de ensino superior, unidades de investigação científica e empresas de alta tecnologia, que garantem uma base sólida para a criação de um centro internacional de inovação.

A meta traçada pelas autoridades visa formar na Grande Baía, até 2035, “um sistema económico e um modelo de desenvolvimento baseado principalmente na inovação”, contribuindo para elevar a capacidade económica e tecnológica da região.

A Universidade de Macau (UM), por exemplo, está a colaborar em projectos de investigação com instituições na cidade de Dongguan.

A UM assinou um “protocolo abrangente” para que os seus estudantes possam realizar a tese de investigação no Laboratório de Materiais do Lago Songshan, diz o director do laboratório, Chen Dongmin. Cada programa específico pode ser coordenado independentemente por cada uma das faculdades da UM, adiantou o responsável.

De acordo com Chen Dongmin, no que toca a apoios financeiros, o laboratório tem duas estratégias para atrair investigadores: investigação aplicada e comercialização dos produtos e tecnologia. “O nosso objectivo é apoiar os investigadores na fase inicial do processo, ajudando a desenvolver os seus projectos até que tenham uma aplicação e atraiam investimento para que sejam comerciáveis”, explicou o director do laboratório.

Professores e investigadores da UM estão também a desenvolver projectos de investigação no Centro de Espalação de Neutrões da China, revelou Tony Tong, um dos investigadores do centro localizado em Dongguan.



Algumas instituições de Macau já levaram a cabo projectos no Centro de Espalação de Neutrões da China, em Dongguan

O centro, cuja primeira fase envolveu um investimento de 2,3 mil milhões de renminbi, abriu portas em 2018, tornando-se no quarto centro do género a nível mundial. A construção da estação foi financiada pelo Governo Central, recebendo anualmente 200 milhões de renminbi para as suas operações.

A estação fornece uma plataforma de pesquisa científica avançada para projectos nos mais diversos campos, incluindo ciência e tecnologia de materiais, indústria química, física, ciências da vida e novas energias.

Segundo Tony Tong, o acelerador de partículas dispara feixes de neutrões a alta velocidade para extrair informação. O mecanismo é complexo, mas a missão é muito simples: ajudar os investigadores a descobrir os ingredientes básicos na composição de todos os materiais, acrescenta.

Os serviços que presta são gratuitos para todos os projectos que se candidatam a usar a estação, incluindo

académicos, instituições e empresas que procuram efectuar uma investigação multidisciplinar. Ao longo dos anos, referiu o investigador, o número de candidaturas provenientes de Macau e Hong Kong tem vindo a aumentar, tendo o centro já recebido alguns projectos da UM.

De acordo com Tony Tong, o centro irá no futuro expandir a sua capacidade no que toca ao acelerador de neutrões, com um investimento adicional de 3 mil milhões de renminbi. Além disso, será também construído um complexo de raio-X para alargar as capacidades do centro, num plano que deverá custar cerca de 5 mil milhões de renminbi e demorar entre cinco e dez anos a construir.

Os investimentos são elevados, mas contam com forte apoio das autoridades e empenho dos empreendedores, num compromisso para tornar real o “corredor de inovação científica e tecnológica”, um dos pilares do plano gizado pelo Governo Central para o desenvolvimento da Grande Baía. ▶

FELICITA AS COMEMORAÇÕES
DO 74º ANIVERSÁRIO DA IMPLANTAÇÃO DA
REPÚBLICA POPULAR DA CHINA



CABO VERDE

O MAR COMO PASSAPORTE PARA O FUTURO

É a chave para o desenvolvimento económico de Cabo Verde. As autoridades cabo-verdianas elegeram o mar como um dos motores de crescimento do arquipélago, numa estratégia em que a Zona Económica Especial Marítima de São Vicente adquire uma importância fundamental. Mas Cabo Verde, diz o representante do país no Fórum de Macau, **Nuno Furtado**, quer mais: com a ajuda de Macau, quer tornar-se um posto avançado da iniciativa chinesa “Uma Faixa, Uma Rota”

Texto | Marco Carvalho

O QUE pode um pequeno arquipélago vulcânico e, em grande medida, árido oferecer à segunda maior economia do mundo? A resposta, por muito envolvente que seja, nem sempre é tão óbvia como seria de supor, mas as autoridades cabo-verdianas estão apostadas em alterar um tal cenário.

Com uma posição geoestratégica privilegiada no coração do Oceano Atlântico, no centro das rotas comerciais que ligam a África, a América e a Europa, Cabo Verde tem no mar a sua maior riqueza e o mar é um dos pilares fundamentais do plano “Cabo Verde Ambição 2030”, a estratégia de desenvolvimento sustentável com que o Governo quer alavancar o crescimento económico do país.

Economia do mar e economia azul – que acrescenta à primeira o pressuposto da sustentabilidade – são

conceitos chave nas políticas de desenvolvimento traçadas pelo Governo cabo-verdiano. O programa “Cabo Verde Ambição 2030” aposta forte em domínios como o turismo e a pesca, mas também no fomento de sectores menos tradicionais, como a inovação tecnológica e a agilização da economia digital.

“Esta é uma estratégia que está alinhada com os objectivos de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas e Cabo Verde tem vindo a trabalhar de forma muito aprofundada no desenvolvimento sustentável do arquipélago”, salienta Nuno Furtado, delegado de Cabo Verde junto do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau), também conhecido como Fórum de Macau. “Neste âmbito, o Governo



elegeram como estratégia o desenvolvimento do turismo sustentável e o desenvolvimento da economia do mar, também numa perspectiva de sustentabilidade.”

Por outro lado, acrescenta Nuno Furtado, o Governo cabo-verdiano “elegeram a economia digital como uma forma de o país atrair mais investimento directo estrangeiro, através da construção de parques tecnológicos na Praia e na cidade do Mindelo”. “Por arrastamento, estes sectores vão também alavancar outras áreas estratégicas, com uma aposta muito forte na inovação e na economia digital”, afirma.

ÂNCORA DE DESENVOLVIMENTO

Se a aposta no sector das pescas e do turismo se prefere, em grande medida, como evidente numa nação

integralmente insular, o forte potencial do arquipélago enquanto centro logístico transformou o projecto de implementação da Zona Económica Especial Marítima de São Vicente numa âncora estratégica do processo de desenvolvimento de Cabo Verde. O objectivo das autoridades cabo-verdianas é o de dotar a ilha de São Vicente das condições necessárias para transformar o arquipélago num posto avançado da iniciativa chinesa “Uma Faixa, uma Rota”.

A iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, lançada há uma década, conta com o envolvimento de 152 países – de acordo com dados até Junho de 2023 –, tendo estado na base, desde 2013, de vários projectos visando uma maior interligação entre as nações participantes. Através da construção de rotas terrestres – a que se somariam marítimas –, a China pretende impulsionar

uma maior ligação entre a Ásia, a Europa e a África, promovendo o comércio e os canais de transporte.

“Continuamos a promover de uma forma muito próxima com o Governo chinês o desenvolvimento de projectos ligados ao sector do mar. Desde logo, com o estabelecimento da Zona Económica Especial Marítima em São Vicente, que é um projecto que contou com muito apoio do Governo chinês, tanto na elaboração, como nos estudos de viabilidade. Trouxemos aqui várias equipas de Cabo Verde, com o propósito de fazer com que percebam como funciona uma zona económica especial e o contributo que ela dá à economia marítima”, sustenta o representante de Cabo Verde junto do Fórum de Macau.

“É um projecto que se insere naquilo que podemos denominar como cooperação no âmbito da Faixa Marítima da Rota da Seda. Nós também fazemos parte desta Rota Marítima da Seda e, portanto, é no âmbito deste projecto que nós continuamos a dialogar com empresas estratégicas do sector marítimo da China e também com o próprio Governo Central, na prossecução de objectivos muito claros que têm que ver com o desenvolvimento da zona económica especial em São Vicente”, complementa Nuno Furtado.

CAPACITAÇÃO DE RECURSOS

A visão, inerente à implementação da Zona Económica Especial Marítima, de transformar Cabo Verde numa plataforma marítima e contribuir para a inserção do arquipélago na economia regional e mundial, eleva a um novo patamar a cooperação entre a nação africana e a China, que, de resto, tem sido um dos principais parceiros de desenvolvimento de Cabo Verde. A cooperação chinesa ajudou a dotar o país de infra-estruturas, mas também a capacitar o arquipélago através da formação de quadros qualificados, entre eles o próprio Nuno Furtado.

“Cabo Verde tem trabalhado de forma estratégica com a China em vários sectores, começando pelo sector das infra-estruturas, da formação e da educação, mas também na capacitação institucional, em domínios como a medicina. A China envia regularmente várias



A nossa presença em Macau, através do Fórum de Macau, é uma iniciativa muito importante, do ponto de vista da proximidade entre a China e os países lusófonos

NUNO FURTADO
DELEGADO DE CABO VERDE
JUNTO DO FÓRUM DE MACAU

equipas de médicos para os hospitais do país”, refere o responsável. “Nós temos trabalhado também ao nível do ensino superior. Em Cabo Verde temos mais de 300 jovens que foram formados na China”, ilustra o delegado cabo-verdiano, antigo aluno da prestigiada Universidade Renmin, em Pequim, onde aprendeu o idioma chinês.

“A língua chinesa é, sem qualquer dúvida, uma componente importante na comunicação com as empresas chinesas. Facilita e é algo que cria um ambiente totalmente diferente de comunicação e de aproximação. É importante saber um pouco mais sobre a cultura chinesa. Facilita a integração dos delegados o mais rapidamente possível naquilo que é a sua missão de comunicação e de aproximação com o empresariado chinês”, assume Nuno Furtado.

Desde 1975, ano da independência de Cabo Verde, que as relações bilaterais entre os dois países têm sido sustentadas por um “espírito de cooperação e de amizade” que, defende Nuno Furtado, ganhou uma maior profundidade com a criação, há vinte anos, do Fórum de Macau.

MUNDO DE OPORTUNIDADES

“A nossa presença em Macau, através do Fórum de Macau, é uma iniciativa muito importante, do ponto de vista da proximidade entre a China e os países lusófonos. A



O mar é um dos pilares fundamentais da estratégia de desenvolvimento sustentável do Governo cabo-verdiano

presença aqui constitui também uma forma de darmos suporte às relações bilaterais, porque estamos a falar de um território enorme e de países com missões diplomáticas muito reduzidas, como é o caso de Cabo Verde”, realça Nuno Furtado. “A presença de Cabo Verde nesta plataforma do Fórum de Macau é de extrema importância para poder alavancar aquilo que são as várias iniciativas que a China vem propondo aos nossos países.”

Segundo o responsável, a cooperação bilateral não se trata apenas da colaboração na iniciativa “Uma Faixa, uma Rota” ou no projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

“Agora temos também o projecto em Hengqin, da Zona de Cooperação Aprofundada [entre Guangdong e Macau]. São várias as iniciativas em curso e, por vezes, uma missão diplomática sozinha e de reduzida dimensão não consegue dar resposta a todos estes impulsos”,

aponta o delegado de Cabo Verde. “Daí que a nossa presença nesta zona do sul da China seja de extrema importância para nos podermos aproximar do empresário chinês e para fortalecer a área da cooperação empresarial”, acrescenta.

Iniciativas inerentes ao desenvolvimento da Grande Baía e à Zona de Cooperação Aprofundada abrem portas a novas perspectivas de intercâmbio e de aprofundamento das relações, ainda que nem sempre seja evidente de que forma os países de língua portuguesa podem contribuir para a consolidação dos projectos.

“Temos andado a passos muito rápidos, sem consolidar exactamente aquilo que são as estratégias de intervenção dos países de língua portuguesa nestas iniciativas. Às vezes perde-se um bocado a orientação de como é que os países podem contribuir para uma maior participação nessas iniciativas”, sublinha Nuno Furtado. ▶

VER VÍDEO AQUI ▶



COOPERAÇÃO COM A GUINÉ-BISSAU

Educar para construir o futuro

Não há desenvolvimento sem educação e a Guiné-Bissau está apostada em valorizar um sistema educacional eficiente, que permita construir as bases para um futuro mais próspero. A China tem sido um parceiro importante na persecução desse objectivo



A Escola de Amizade Sino-Guineense, em Bissau, foi construída em 2009

Texto | Iancuba Dansó

A REPÚBLICA Popular da China e a Guiné-Bissau continuam a fortalecer a cooperação na área da educação e os resultados são cada vez mais visíveis, com vários observadores a defenderem que as relações de amizade entre os dois países devem continuar a sustentar o desenvolvimento mútuo. Ao longo dos anos, a China tem sido um parceiro importante no que toca ao investimento no sector educativo guineense e na formação de quadros no país.

Em termos gerais, a cooperação bilateral mantém-se sólida, mas é particularmente na área da educação que a Guiné-Bissau tem beneficiado do investimento da China, que está a produzir resultados frutuoso na sociedade e no aparelho de Estado guineense.

A Revista Macau falou com uma fonte da Embaixada da República Popular da China na capital guineense, Bissau, que realçou a “excelente” cooperação entre os dois países no sector da educação e explicou como a China tem contribuído para a valorização dos estudantes e do sector educativo guineenses.

“Actualmente, a China dá apoios de duas formas ao sector educativo da Guiné-Bissau: primeiro, através da construção de raiz de novas escolas; e também através da atribuição de bolsas de estudo para a China. Há as chamadas ‘Bolsas do

Embaixador’, que o embaixador chinês atribui aos alunos para estudarem nas escolas do país de origem ou na China, e há bolsas atribuídas ao Governo da Guiné-Bissau para fazer a selecção dos candidatos que vão estudar na China”, revelou a fonte.

No dia 21 de Agosto, 30 estudantes guineenses – beneficiários de bolsas de estudo para a China – despediram-se das autoridades da Guiné-Bissau, antes de partirem para o país asiático.

“A cooperação com a China é de longa data e tem sido exemplar. E a nossa intenção é melhorá-la cada vez mais”, disse na ocasião Braima Sanhá, ministro da Educação, Ensino Superior e Investigação Científica da Guiné-Bissau. “Prometo consolidar cada vez mais a cooperação com a China [na área da educação]. Acho que devemos criar uma universidade pública na Guiné-Bissau que possa albergar mais estudantes e abranger áreas fundamentais e penso que o governo chinês poderá apoiar a Guiné-Bissau neste aspecto”, acrescentou.

Para além das bolsas atribuídas a alunos ao nível local, a China também providencia outro tipo de apoios ao sector da educação guineense, de acordo com as necessidades e solicitações das autoridades locais.

Em 2014, o Ministério da Educação da Guiné-Bissau realizou um estudo-diagnóstico sobre o progresso do sector, cujos resultados revelaram que o nível dos alunos do ensino básico estava aquém do desejado. O estudo concluiu que o desempenho dos alunos da



Há milhares de estudantes que beneficiaram de bolsas de estudo para diferentes cidades chinesas e hoje alguns desses estudantes estão a trabalhar em diferentes instituições do Estado da Guiné-Bissau

EDUARDO DA CUNHA KÁSSIMO
FUNCIONÁRIO
DO MINISTÉRIO
DA AGRICULTURA
DA GUINÉ-BISSAU

Guiné-Bissau no ensino básico figurava nos últimos lugares em comparação com os países da sub-região da África Ocidental, isto para além de ter revelado uma lacuna em termos de infra-estruturas escolares.

Formação de quadros

Ciente das dificuldades existentes na área da educação na Guiné-Bissau, o Governo da China tem intensificado os programas de ajuda ao sector, incluindo, actualmente, através de um programa especial de apoio directo à formação de quadros nacionais.

Entre 2018 e 2020, através de uma bolsa do Governo chinês, Eduardo da Cunha Kássimo, funcionário do Ministério da Agricultura da Guiné-Bissau, concluiu o mestrado em Engenharia Ambiental, com a especialização em “Estudos e Efeitos das Alterações Climáticas na Agricultura”. À Revista Macau, o profissional guineense destaca o modelo de ensino na China como um dos factores para se sentir orgulhoso da sua formação.

“O sistema de ensino superior na China é moderno, acessível e aberto. Os professores criam debates para permitir aos estudantes relatarem o que sabem e aos professores fazerem a correcção do que foi relatado, para melhorar o seu conhecimento”, salientou o técnico. “Têm um sistema de avaliação muito bom, para permitir ao aluno ser um investigador e ser também interactivo, em vez



A nossa escola foi construída e equipada pela China ... Hoje, é uma escola de referência

**SAMORA
BANDJAQUE**
DIRECTOR DA
ESCOLA DE AMIZADE
SINO-GUINEENSE

de estar a memorizar a matéria. Isso permite fazer pesquisas para depois fazer uma apresentação do que foi pesquisado.”

Cunha Kássimo realçou que a forma como os estudantes são incentivados nas universidades chinesas permite que os mesmos sejam mais criativos e inovadores no desempenho das suas funções.

De acordo com o funcionário ministerial, faz todo o sentido a Guiné-Bissau e a China manterem a cooperação na área da educação, algo que tem contribuído para o desenvolvimento do país africano. “Há milhares de estudantes que beneficiaram de bolsas de estudo para diferentes cidades chinesas e hoje alguns desses

estudantes estão a trabalhar em diferentes instituições do Estado da Guiné-Bissau e a dar positivamente o seu contributo. Um dos exemplos sou eu, que estudei na China, que está a ajudar a Guiné-Bissau no sector da educação, o que é muito importante para o nosso país”, frisou.

A República Popular da China também atribui anualmente bolsas de curta duração, incluindo a funcionários públicos guineenses. Antes da pandemia da COVID-19, o país asiático atribuía 200 bolsas anuais para estágios e formações de curta duração.

O investimento chinês na área educativa abrange ainda apoios directos à Escola Normal Superior Tchico Té, uma das escolas de formação de professores em Bissau, e ao Liceu Nacional Kwame N’Krumah, que beneficia, anualmente, de entre cinco a seis bolsas de estudo para a China, sem contar com as bolsas que são atribuídas, a nível local, aos melhores alunos da instituição de ensino.

No período pré-pandémico, entre 20 e 25 estudantes guineenses beneficiavam anualmente de bolsas para o ensino superior no país asiático.

Novas infra-estruturas

Por outro lado, a China construiu, de raiz, e equipou escolas do ensino básico e liceus, com capacidade para três a quatro mil alunos, em Bafatá, no leste do país, em Cachéu, no norte, e na capital, Bissau. Estes estabelecimentos beneficiaram de

computadores e vários materiais para facilitar a aprendizagem.

A Revista Macau visitou, no Bairro Militar, em Bissau, a Escola de Amizade Sino-Guineense, construída em 2009, e reabilitada e reequipada recentemente pela República Popular da China. A instituição conta com mais de três mil alunos, do ensino básico ao secundário.

O director da escola, Samora Bandjaque, enalteceu o apoio chinês ao estabelecimento de ensino. “A nossa escola foi construída e equipada pela China. Todas as secretárias, cadeiras e o resto dos materiais foram obra da China. Há muitas vantagens desta escola para a comunidade local, pois não havia nenhuma nesta localidade, mas graças à cooperação da China com a Guiné-Bissau, conseguimos ter uma escola como esta”, realçou.

“Hoje, é uma escola de referência e, em termos de infra-estruturas, não pode ser comparada com muitas escolas. O investimento feito

aqui é significativo e evita que os alunos andem muitos quilómetros para irem à escola”, acrescentou.

O responsável referiu-se à forma como a entidade construtora e financiadora da escola mantém a ligação à instituição. “A China constrói e garante a manutenção de todas as infra-estruturas escolares, e connosco também foi a mesma coisa. Depois de um certo período, mandam mudar todos os materiais que colocaram na escola. Temos carteiras nas salas de aula que não existem em mais nenhuma escola, tudo veio da China, até quadros para escrever. Não temos problemas de giz, de água e de nada. Tudo graças aos apoios da China”, sublinhou o director da Escola de Amizade Sino-Guineense.

Samora Bandjaque lembrou ainda que, nos primeiros tempos da escola, a China oferecia até roupas e géneros alimentícios aos alunos, como forma de incentivar o bom desempenho académico.

Bacar Camará, jornalista e correspondente na Guiné-Bissau da agência estatal chinesa de notícias, Xinhua, enalteceu as iniciativas de cooperação em curso entre os dois países, sobretudo na área da educação. Para o repórter, trata-se de uma relação “fundamentada no pragmatismo, que também beneficia directamente a população”.

Em Julho de 2022, a Embaixada da China na Guiné-Bissau realizou uma cerimónia de graduação para oito estudantes guineenses que terminaram os cursos de licenciatura em diferentes universidades chinesas – em formato virtual, devido à COVID-19.

Os estudantes em causa iniciaram os estudos superiores presencialmente na China, mas a pandemia obrigou-os a regressar ao país, onde concluíram a formação em formato online. Outros permaneceram no país asiático, onde ainda prosseguem os seus estudos.

Os resultados alcançados pelos vários estudantes guineenses têm também contribuído para que haja um interesse cada vez maior dos alunos guineenses em estudar na China, algo evidenciado pelas solicitações que a Embaixada da China recebe diariamente, de acordo com fonte da representação diplomática.

Por essa razão, a Embaixada chinesa tem-se posicionado como uma montra para a China actual, de modo a que os jovens guineenses possam conhecer melhor o país asiático e contribuir para o aprofundamento da amizade entre as duas nações. ◀



A China fornece secretárias, computadores e vários outros materiais para apoiar a aprendizagem

TRIGÉSIMO ANIVERSÁRIO

Dóci palco. Que futuro para

Local e universal, vetusto e contemporâneo, obsolecente e ameaçado, mas, ainda assim, mais relevante e mais exposto do que nunca. Trinta anos depois de ter subido ao palco pela primeira vez, o teatro em patuá do grupo Dóci Papiçám di Macau condensa em si forças e furores o mais das vezes antagónicos, mas é também a mais perfeita síntese do multiculturalismo em Macau

Texto | Marco Carvalho

No palco, como na vida, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. A morte, em Março de 1993, de José Inocêncio dos Santos Ferreira confrontou a comunidade macaense com a mais insustentável das inquietudes, a do fim anunciado de uma era.

Quando faleceu, o grande cultor da projecção do patuá na segunda metade do século XX já não escrevia uma nova récita há 16 anos. A última rábula em maquieta rubricada por Adé subiu ao palco em Abril de 1977, mas a longa década e meia em que “a dóci lingu di Macau” esteve ausente do espaço público nem por isso suavizou a intensidade do abalo emocional que o desaparecimento de José dos Santos Ferreira suscitou no seio de

uma comunidade melindrada pela incerteza.

“O nosso saudoso amigo Adé morreu no dia 24 de Março de 1993 e, como não podia deixar de ser, todos os macaenses ficaram tristes e consternados com o facto. A ideia, na altura, era que se tinham acabado as récitas, que se tinha acabado o dialecto. Que, de uma forma ou de outra, era também a morte do dialecto”, recorda Fernanda Robarts, uma das arquitectas – a par de Sónia Palmer e de Marina de Senna Fernandes – da reabilitação do teatro maquieta.

O luto e a orfandade cedo se transverteram em algo mais: o desejo de honrar a memória de Adé, de lembrar o seu legado, de salvaguardar a sua obra. A 3 de Abril de 1993, nove dias depois da sua



o teatro em patuá?



A peça "Chachau-Lalau di Carnaval (Oh, Que Arraial)" subiu ao palco em Maio

morte, o “pai do patuá de Macau” é homenageado na Casa Garden e é neste desparamentado e quase espontâneo acto de saudade que está a génese do que viria a ser o grupo Dóci Papiaçám di Macau.

“No dia 30 de Outubro deste ano faz 30 anos da nossa primeira actuação, mas, rigorosamente, a ideia de formar o grupo nasceu no dia 3 de Abril de 1993”, evoca Fernanda Robarts. “O Adé morreu a 24 de Março e, uns dias depois, um grupo de amigos decidiu prestar-lhe uma pequena homenagem na Casa Garden, cantando e declamando algumas das suas canções e poemas. Entre os presentes estava

a viúva de Adé, estava uma irmã dele, o seu filho José, além de outras individualidades”, acrescenta.

O singelo tributo a José dos Santos Ferreira foi como que o insuspeito impulso de onde brotou o renascimento cultural da comunidade macaense. A reabilitação do teatro em patuá, a 30 de Outubro de 1993, é fruto de uma inusitada conjugação de vontades e circunstâncias, da visita de Mário Soares, então Presidente de Portugal a Macau, ao alento e encorajamento de Monsenhor Manuel Teixeira.

“No final da actuação na Casa Garden, fomos muito felicitados pelos presentes, entre eles

Monsenhor Manuel Teixeira, um grande historiador de Macau. Foi ele que, no fim, nos disse: ‘Vocês actuaram muito bem. Mas têm de continuar, não podem deixar morrer este dialecto. Vocês têm de continuar a obra do Adé’”, recorda Fernanda Robarts. “E foi com este incitamento, com este encorajamento do Padre Manuel Teixeira que nasceu a ideia de formar o grupo Dóci Papiaçám di Macau.”

A diversidade como trunfo

O regresso ao palco das rábulas em patuá, após mais de 16 anos de interregno, com um jovem Miguel



O teatro em patuá foi inscrito, em 2021, na Lista Nacional de Itens Representativos do Património Cultural Intangível da China



O teatro em patuá não é mais do que uma plataforma do multiculturalismo em Macau e isto não pode ser visto se não como mais uma especificidade

MIGUEL DE SENNA FERNANDES
ENCENADOR
E DRAMATURGO



© DIRETOS RESERVADOS

de Senna Fernandes a procurar ocupar o abissal vazio deixado por Adé, dificilmente se poderia ter materializado em circunstâncias mais *sui generis*. Na noite em que o histórico Teatro D. Pedro V reabriu, após um prolongado período de renovação, ao Dóci Papiaçám di Macau – baptizado dias antes, num golpe de génio, por Fernanda Robarts – coube a responsabilidade de abrir uma noite de gala, com Mário Soares como convidado de honra.

Em pouco mais de vinte minutos, o grupo exorcizou receios e angústias e insuflou um novo sopro de vida na centenária tradição do teatro em patuá. “Olá Pisdénte” marcou o arranque de uma longa, incerta e exigente aventura, uma caminhada laboriosa composta por

centenas de horas de palco e pela entrega de muitos, que culminou com a inclusão, em 2021, do teatro em patuá na Lista Nacional de Itens Representativos do Património Cultural Intangível da China.

“Esta distinção é um trunfo e um triunfo. É um trunfo porque é a língua que dá um cunho especial a esta forma satírica de se estar no teatro. É um trunfo porque destaca o que há de diferente nesta terra. E é um triunfo porque, no fundo, é um reconhecimento. É uma espécie de vitória por algo que conseguimos e

que é reconhecimento além-fronteiras, além dos limites de Macau, a nível nacional”, destaca Miguel de Senna Fernandes.

“O teatro em patuá em Macau nunca foi um teatro que tivesse características físicas especiais: não há trajes, não há uma música típica. Não há nada disso. Mas é um teatro que traz algo de novo, antes de mais, porque se trata de comédia. É uma forma irónica de fazer comédia, coisa que é rara em Macau. Elege a comédia satírica, numa sociedade que ainda é muito



As peças de teatro envolvem dezenas de pessoas e meses de ensaio antes de serem apresentadas ao público

conservadora e muito fechada”, argumenta o encenador, dramaturgo e linguista. “Por outro lado, se bem que a maior parte do auditório seja macaense ou português, a verdade é que actuamos perante uma audiência cada vez mais diversa. Já disse por mais do que uma ocasião que o teatro em patuá não é mais do que uma plataforma do multiculturalismo em Macau e isto não pode ser visto se não como mais uma especificidade.”

Para Paula Carion, a sujeição sem pruridos à diversidade a que Miguel de Senna Fernandes se refere explica, em parte, a sobrevivência e a longevidade do projecto do Dóci Papiaçám. Quando a antiga karateca se juntou aos bastidores do grupo, em 2006, o receio de que as récitas em maquista pudessem desaparecer já há muito tinha sido afastado, mas o teatro em patuá, considera Paula Carion, só conquistou verdadeiramente projecção

quando deixou de se balizar em exclusivo pela comunidade macaense.

“O teatro em patuá, o trabalho feito pelo Dóci Papiaçám, é um reflexo da evolução da cidade e da sociedade de Macau. Não nos podemos limitar a usar o patuá ou a usar apenas português e patuá. Há outras formas de olhar para Macau, a sociedade mudou, a cidade mudou e, com isso, o nosso trabalho também mudou. Este ano



© DIRETOS RESERVADOS

acrescentámos personagens a falar mandarin pela primeira vez. Sei que há pessoas que não gostaram, mas essa é cada vez mais a nossa realidade”, sustenta Paula Carion.

Em 2007, quando subiu pela primeira vez ao palco, ao lado do pai, José Carion, a antiga atleta pouco ou nada sabia da “dóci lingu di Macau”. Agora é, com Anabela Ritchie, antiga presidente da Assembleia Legislativa, responsável pelas legendas que permitem que

a arte e a sátira do Dóci Papiaçám di Macau cheguem, desde há mais de uma década, a um público bem mais vasto.

“Eu não falava patuá. Só aprendi patuá depois de ter começado a colaborar com o Dóci Papiaçám di Macau, através da participação nas récitas. No início, sou sincera, não compreendia o papel, as palavras ou o guião do Miguel. Limitava-me a memorizar tudo”, admite Paula Carion. “Foi quando comecei a traduzir as legendas que comecei, de facto, a aprender a língua. O trabalho de tradução não é muito difícil, porque o patuá é uma língua bastante simples: tens o passado, o presente e o futuro. Não é exactamente como o português, onde é necessário dominar verbos e conjugações. O mais das vezes deixei de fazer traduções directas. Sei que tipo de mensagem o Miguel está a tentar transmitir e não me fico pela tradução literal. Opto por tentar transmitir a mensagem que eu sei que o Miguel está a tentar passar”, explica.

Sangue novo e perseverança

Aprender o maquista, sustenta José Carion, é o menor dos desafios na difícil missão de assegurar a continuidade do teatro em patuá. Para a generalidade dos linguistas, o crioulo de Macau é um idioma tecnicamente morto, com uma natureza eminentemente performativa, e sobrevive no palco graças ao esforço, à entrega e à devoção

daqueles que, ao longo das três últimas décadas, deram corpo ao Dóci Papiaçám di Macau.

Se dependesse de José Carion, o futuro das récitas teatrais e do próprio dialecto estavam assegurados. Desde que actuou pela primeira com o grupo em 2007, José Carion só falhou uma performance. “Desde 2007, falhei um único ano e falhei porque tive que seguir a recomendação do meu médico, que me disse que tinha de descansar. Há oito anos, ainda durante os ensaios, fui ter com o Miguel e disse-lhe: ‘Miguel, estou com um problema de saúde’. Ainda assim, subi ao palco e completei a actuação. Só depois dos espectáculos fui submetido a uma intervenção cirúrgica. E não tive problema nenhum”, afiança.

Para que o patuá sobreviva ao veredicto de uma morte há muito anunciada, argumenta o veterano actor, é fundamental atrair sangue novo e perseverar. O desconhecimento da “dóci lingu di Macau”, assegura, é o menor dos empecilhos.

“As pessoas devem ter consciência de uma coisa. Para se levar ao palco um espectáculo de teatro, não bastam duas semanas ou vinte dias. São necessários meses. Quem assiste à récita, vê duas horas, mas são necessários meses para preparar aquelas duas horas. E quando apañamos alguém novo no palco, temos de o ensinar. E não é só ensinar como se fala o patuá, é ensinar como se actua, como se pronuncia, como



© DIREITOS RESERVADOS

O teatro em patua usa a ironia para apresentar peças de comédia

se enfatiza. Por vezes é necessário corrigir uma vez, duas vezes, três vezes, mas estamos cá para corrigir, para ensinar as vezes que for necessário. Precisamos de sangue novo para continuar”, reitera José Carion.

Optimista, José Carion não teme pelo futuro do teatro em patuá, mas também não escamoteia os obstáculos e desafios que o Dóci Papiaçám tem pela frente. E o maior é impossível de iludir: “Eu diria que o papel do Miguel em tudo isto é incontornável. Por enquanto, acho que não temos substituto. Não temos ninguém capaz de fazer o que ele faz.”

A preocupação é partilhada pela filha, para quem o dramaturgo e encenador é a força motriz, a alma e a chama por detrás da coesão do grupo: “Como o meu pai dizia, o único aspecto que não pode ser substituído é o Miguel. Ele possui um charme e

um carisma que têm permitido reunir as pessoas e encontrar as pessoas certas para cada um dos papéis. Acho que o aspecto mais difícil no que diz respeito à tarefa de manter o Dóci Papiaçám vivo é a necessidade de o Miguel lá estar para manter coeso o grupo. Ele não é, propriamente, a pessoa mais fácil com quem já trabalhei. Pode escrever isso. Mas ele conseguiu manter este grupo de pessoas a trabalhar juntas ao longo de 30 anos”, assinala Paula Carion.

Miguel de Senna Fernandes acata o tom elogioso das preocupações dos colegas de grupo, mas refuta o estatuto de imprescindível que lhe é assacado. “As pessoas não são insubstituíveis. Cada um tem o seu estilo, é verdade, e dentro do seu estilo, as pessoas são insubstituíveis. Mas quando nos referimos a uma coisa que é comum, quando alguém desaparece, tem de ser

substituído pelo outro. O outro vai retomar o percurso interrompido, vai impor o seu estilo e as coisas mudam de acordo com isto. O Adé tinha uma maneira de fazer teatro. Nós impusemos um outro estilo. Um estilo completamente diferente”, explica o encenador do grupo Dóci Papiaçám di Macau.

“Eu estou convencido de que as coisas não ficam por aqui, de que as coisas não vão cair no esquecimento. O Adé fez as suas récitas e depois as coisas pararam durante 16 anos. O teatro em patuá foi retomado 16 anos depois pelo Dóci Papiaçám. E porque é que foi retomado? Porque houve uma necessidade de retomar o que tinha sido deixado em suspenso. Há 30 anos, nós éramos a geração vindoura. Oxalá que agora haja jovens que olhem para tudo isto com uma outra perspectiva”, remata Miguel de Senna Fernandes. ▲



Leia esta e outras edições
no website da **Revista Macau**



www.revistamacau.com.mo

App da Revista Macau disponível em:



HISTÓRIA

Turismo em Macau no século XIX: os primeiros hotéis modernos

Com mais de 130 estabelecimentos hoteleiros em operação e cerca de 43 mil quartos disponíveis, a Macau de hoje é um dos destinos turísticos mais apetecidos do mundo. Há 200 anos, o panorama era, no entanto, bem diferente: foi nessa altura que começaram a nascer no território os primeiros hotéis ocidentais de estilo moderno, lançando as bases daquela que é agora uma das principais indústrias da região

Texto | João F. O. Botas*

A TÉ meados do século XIX, Macau era a única porta de entrada na China para os ocidentais. Comerciantes, membros do clero, missionários, diplomatas e aventureiros, todos tinham de passar obrigatoriamente pela cidade para aceder ao império celeste. É neste contexto que nasce o primeiro estabelecimento hoteleiro moderno de tipo ocidental no território, a Macao Tavern, na Praia Grande.

Registos de 1807 relativos ao navio norte-americano “Arthur” referem o inglês John Budwell como proprietário do espaço. Para além de servir bebidas e refeições – almoço ou jantar custava uma pataca e meia –, o estabelecimento tinha quartos (uma pataca por noite) e ajudava a tratar das formalidades legais a que os comerciantes estrangeiros estavam obrigados

para deslocar-se a Cantão, onde só podiam permanecer alguns meses por ano.

Na década de 1820, os donos da Macao Tavern eram Richard Markwick e Edward Lane, dois antigos empregados da Companhia Britânica das Índias Orientais. Estabelecem-se por conta própria, fundando a Markwick & Lane. A empresa cria hospedarias em Macau e Cantão e assegura o transporte marítimo de pessoas, carga e correio entre as duas cidades.

Localização privilegiada

A Macao Tavern ficava “junto à extremidade leste da praia, duas portas à direita da Alfândega, onde as embarcações chinesas geralmente atracam”, segundo a imprensa da época. Numa ilustração da primeira metade do século XIX – da autoria do arquitecto e artista inglês Thomas Allom, a partir de um desenho feito in loco por Warner Varnham, do qual muito pouco se sabe em termos biográficos –, pode ver-se a localização do



Pintura panorâmica de Macau de meados do século XIX

© DIREITOS RESERVADOS

estabelecimento, correspondendo sensivelmente ao local onde actualmente começa a Rua do Campo.

O médico britânico Charles Downing visitou a China entre 1836 e 1837 e ao passar por Macau refere que “o único hotel inglês no local é grande e mantido por um homem chamado Marquick”. Na “Planta Topographica da Cidade de Macao” de 1838, é referida uma “hospedaria inglesa” junto ao “hopu” – a alfândega chinesa – da Praia Grande. Em 1840, na publicação “Description of a view of Macao in China”, de Robert Burford, que detalha uma imagem panorâmica da cidade desenhada pelo artista inglês, estão identificadas duas tabernas, a “Sandford and Mark’s Tavern” e a “Edward’s Tavern”, em edifícios contíguos junto à alfândega. Sandford terá sido um dos vários sócios de Markwick.

Após a Primeira Guerra do Ópio, que decorreu entre 1839 e 1842, cinco cidades portuárias chinesas foram abertas a negociar com o estrangeiro – Cantão, Xiamen (então conhecida por Amoy), Fuzhou

(Foochow), Ningbo (Ningpo) e Xangai – e surge a colónia britânica de Hong Kong. Macau perde o exclusivo do comércio, mas continuará a ser porto de escala para aceder a essas cidades.

O médico britânico Archibald R. Ridgway visita Macau em 1843 e fica hospedado num hotel “situado no extremo norte” da Praia Grande. “Atravessa-se a porta para uma ampla sala, meio loja, meio armazém, que, quanto à variedade do recheio, tem uma semelhança considerável com uma loja de uma grande aldeia inglesa: vinhos, pickles, chapéus, carnes em conserva, botas, presuntos e outras guloseimas (...)”.

Do Albion ao Royal Hotel

Um comandante britânico de apelido Reynard, num artigo de 1853 na “The Nautical Magazine and Naval Chronicle”, refere que uma “banda militar tocou durante alguns minutos no desfile matinal em frente às



Na década de 1860, surge em Macau o Royal Hotel (em primeiro plano, ao centro)



Anúncio da abertura do Macao Hotel, em 1877

janelas do hotel onde [ele] estava hospedado, o Albion, na Praia Grande”. Albion é o nome arcaico pelo qual se denominava a Inglaterra.

Anúncios publicados pelo fotógrafo itinerante sueco Cesar Von Düben a 26 e 27 de Abril de 1853 no jornal “The Friend of China and Hong Kong Gazette” referem a existência de um outro estabelecimento, o Macao Hotel. Diz Von Düben “que se acha estabelecido nesta cidade, na taberna chamada Macao Hotel, n.º 65, Praia Grande (...) e que terá muita satisfação em tirar retratos das pessoas que o quiserem honrar com a sua presença”.

Na década de 1860, também na Praia Grande, surge o Royal Hotel, com 14 quartos e uma varanda. O Royal começa por pertencer à empresa Bradstreet & Co. Em 1864, o dono é o inglês F. G. Reed, segundo um anúncio publicado num jornal de Hong Kong a 22 de Abril desse ano: “Este hotel familiar de primeira classe, situado na Praia Grande e contendo os quartos mais arejados e espaçosos, é recomendado com confiança para a acomodação de inválidos e pessoas que desejem um refúgio fresco e saudável no Verão”.

O Royal foi também o hotel onde ficaram hospedados os elementos do Corpo de Voluntários de Hong Kong de visita ao território no final de 1864. Segundo o “The London and China Telegraph”, “depois de desembarcarem, marcharam para a zona da Praia Grande onde, sob um sol tórrido, diante do palácio, saudaram o Governador” e depois “seguiram para o Royal Hotel”. Aí, “o Sr. Reed preparou todo o conforto possível e acolheu todos com cordialidade”.

No Boletim do Governo de Macau e Timor de 18 de Fevereiro de 1867, referem-se hóspedes eminentes: os franceses Pierre Philippe Jean Marie d’Orléans, duque de Penthièvre, acompanhado de Ludovic de Beauvoir, conde de Beauvoir, então dois jovens em viagem à volta do mundo. “Logo que S. Exa. o Governador soube da chegada de Sua Alteza (...), mandou ao Royal Hotel, aonde os ilustres viajantes eram alojados, cumprimentá-los e convidá-los para habitarem o Palácio do Governo a que Sua Alteza anuiu”, pode ler-se.

Entre 1868 e 1872, no âmbito de uma residência de quatro anos em Hong Kong, o fotógrafo escocês



Durante o século XIX, é na Praia Grande que se situam os estabelecimentos hoteleiros de estilo ocidental

John Thomson visita Macau por várias vezes, fazendo diversos registos fotográficos da cidade. No livro “Illustrations of China and its People”, Thomson refere que “do bom hotel e da sua varanda pode-se apreciar a vista da baía”.

Em Junho de 1872, um anúncio dirigido aos “ilustres cavalheiros desta cidade” informava que seriam servidos no Royal Hotel sorvetes às terças, quintas e domingos, depois das sete horas da tarde, com preços entre 20 e 50 avos.

Oriental Hotel: na Praia Grande e Porto Interior

O escocês John Patrick Martin terá sido o primeiro proprietário do Oriental Hotel, perto do cruzamento da Praia Grande com a actual Rua do Campo, junto ao Jardim de S. Francisco, já após a Primeira Guerra do Ópio. O segundo dono teria sido o britânico Frederick

Duddell, segundo um anúncio em inglês publicado a 15 de Novembro de 1855 no “The China Mail”: “Hotel Oriental, Macau. O Sr. F. Duddel implora para informar o público que acaba de abrir o hotel acima referido”. A estadia de uma noite custava três dólares.

Duddel viria a morrer a 1 de Novembro de 1856. O hotel passa para as mãos de D. B. Vines, oriundo dos Estados Unidos, onde, a 3 de Abril de 1867, publica no jornal “Daily Alta California” o seguinte anúncio em inglês: “Hotel Oriental. Macau, China. Esta vetusta colónia portuguesa a três horas de Hong Kong em vapores americanos de primeira classe, é a estância de veraneio dos europeus residentes no sul da China; o proprietário deseja apresentar o estabelecimento acima ao público e aos viajantes da Califórnia, onde podem usufruir de instalações aumentadas, para visitar o Império Celeste, e espera ter o prazer de entreter muitos dos seus velhos amigos. D. B. Vines, Proprietário (antigo residente em S. Francisco)”.

Ao longo da década de 1860 existem referências a outro Oriental Hotel, mas localizado na Praça de Ponte e Horta, no Porto Interior. Viria a fechar depois de um incêndio em 1869.

Em Janeiro de 1877, é inaugurado o Macao Hotel. Propriedade de Joaquim Pereira Campos, situa-se na então Rua da Praia Grande, perto do Palácio do Barão do Cercal (actual Sede do Governo). Na primeira página do “The China Mail”, um anúncio em inglês informa: “Hotel Macau, Praia Grande, Macau. No dia 20 será inaugurado um hotel de primeira classe, sob o nome acima mencionado, em instalações espaçosas, acolhedoras e bem mobiladas na Praia Grande. Toda a atenção será dada ao conforto dos visitantes. Apenas fornecemos vinhos, bebidas espirituosas e comida da melhor qualidade. Preços moderados. J. P. de Campos, Proprietário. Macau, 8 de Janeiro 1877”.

Em Maio de 1879, no âmbito de uma viagem à volta do mundo, Ulysses S. Grant, que havia sido Presidente dos Estados Unidos entre 1869 e 1877, visita Macau. É saudado por cerca de 3000 pessoas e dorme uma noite no Macao Hotel, “onde de uma grande janela em arco olhando para leste [se tem] uma bela vista do mar”.

Hing Kee Hotel, primeira morada de Pessanha

Um anúncio em inglês serve de carta de apresentação do Hing Kee Hotel: “Fundado em 1878 - Macau – Este famoso estabelecimento de primeira classe está agradavelmente situado no centro da Praia Grande, virado a sul, com uma encantadora vista para o mar à sua frente. Quartos confortáveis e bem mobilados.



O Hing Kee Hotel (na imagem) foi a primeira morada em Macau do poeta português Camilo Pessanha



O Hotel Boa Vista mudaria de nome para Bela Vista em 1936

Cozinha excelente. Atendimento imediato. Preços muito moderados”.

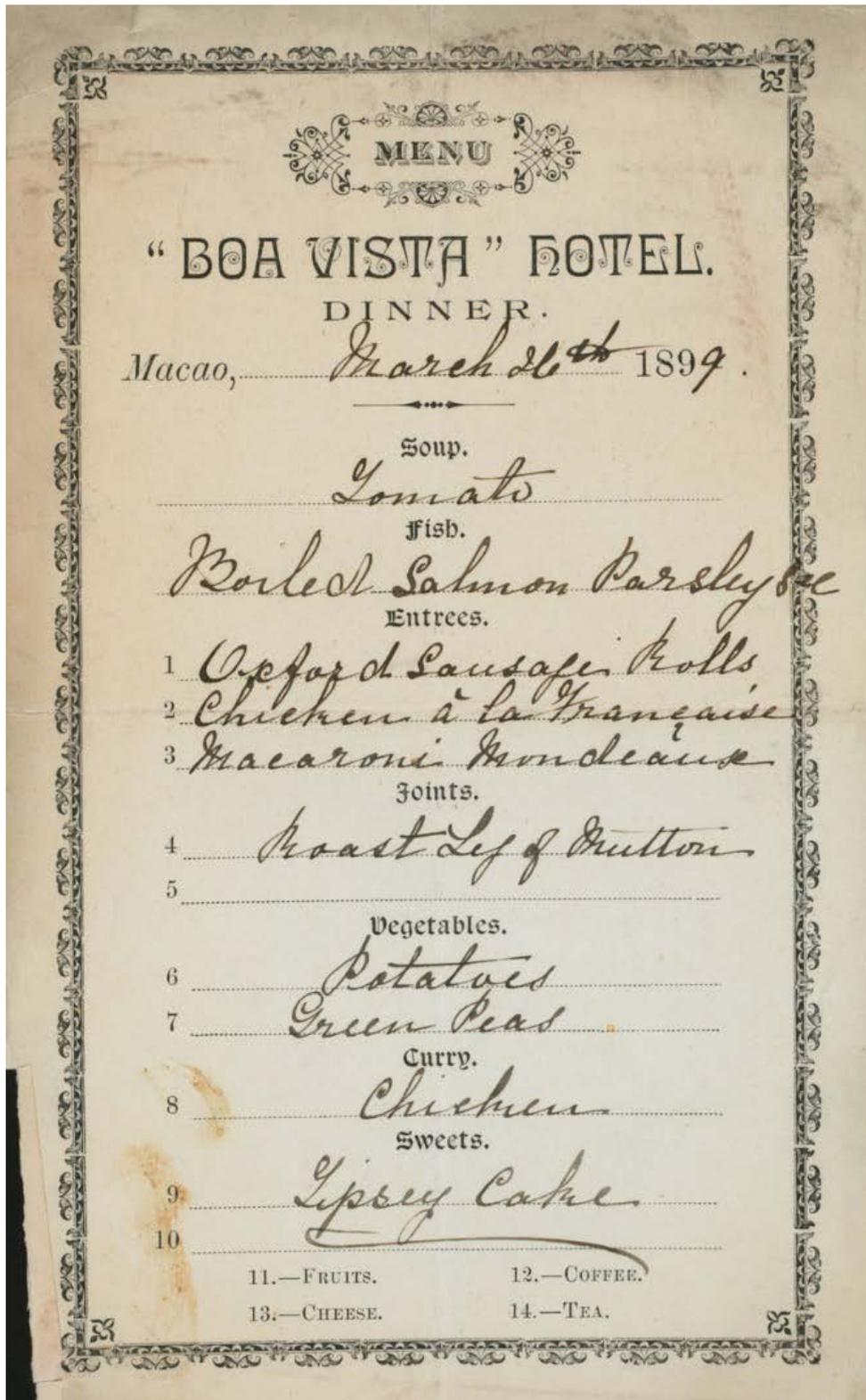
Pedro Leong Hing Kee, também conhecido por Peter, cidadão chinês nascido no sudeste asiático, chegara a Hong Kong poucos anos antes e depressa se tornou num dos mais bem-sucedidos homens de negócios locais, com interesses na hotelaria, imobiliário e transportes marítimos. Desde 1875 tinha em Macau um “billiard room” (salão de bilhar) e sob o seu nome passa também a ter um hotel, junto aos Correios e ao Palácio das Repartições (na zona onde está actualmente o Hotel Metrópole).

Numa edição de 1882 do boletim da Sociéte Royale Belge de Géographie, refere-se o Hing Kee como um “excelente hotel dirigido pelo chinês Hing-Kee, um bom homem, falando inglês e português fluentemente”. Em Setembro de 1883, o militar e engenheiro civil português Adolpho Loureiro está em Macau para efectuar estudos para as obras do porto do território e fica no

hotel de “Pedro Hing Kee, um china muito rechonchudo e prazenteiro”.

Registos da época dizem que, em 1885, o Hing Kee acolhe “o Sr. Ignacio Cabrall da Costa Pessoa, ajudante de campo de S. Exa. o Governador”, e “o Sr. Horta e Costa, capitão de engenharia e director das obras públicas d’esta província”, e que seria mais tarde também ele governador de Macau. Nesse ano, o norte-americano George Moerlein, a viajar pelo mundo, fica no “Hingkee Hotel, de frente para o mar”, onde o “proprietário serviu uma refeição elegante e [lhes] providenciou belas camas pelas quais [lhes] cobrou um bom preço à taxa de quatro dólares cada por dia”. A primeira morada do poeta português Camilo Pessanha em Macau, em 1894, será o Hing Kee, pagando 40 patacas por mês, pelo quarto e refeições, excluindo o vinho.

A jornalista e autora norte-americana Margherita Arlina Hamm passa por Macau como turista em 1895. Segundo ela, o hotel ficava ligeiramente afastado da



© DIRETOS RESERVADOS

Ementa do Hotel Boa Vista para o jantar de dia 26 de Março de 1899

linha costeira já que, “entre o edifício e o muro que o cerca, há um grande jardim onde figueiras-de-bengala e bananeiras, limoeiros e laranjeiras, goiabeiras e oliveiras transformam a luz do sol forte em sombra refrescante”. As pinturas e as fotografias da época confirmam a descrição.

No jardim exterior, continua Margherita Arlina Hamm, “junto a uma das paredes do hotel, há uma grande caixa da qual emanam rugidos”. “Quando nos afastamos, um criado chinês bem vestido abre a caixa e solta dois filhotes de tigre.” No interior do estabelecimento hoteleiro, há um “belo bar, com uma bela exibição de decantadores e garrafas de cristal lapidado; a sala de bilhar e a sala de jogos parecem ter vindo directamente de Londres; as salas de jantar e de estar e os dormitórios são semelhantes aos que existem nos resorts da costa de Nova Jersey”.

Em 1897, surge um novo Hing Kee, segundo um anúncio em inglês publicado no “The Tourist’s Guide to Hong Kong” desse ano: “Hing Kee Hotel, Macau – Um edifício totalmente novo – 30 quartos – Situado numa posição central na Praia Grande – A cinco minutos do cais dos vapores – Um hotel familiar confortável – Tudo do melhor – Preços muito moderados”. Este edifício pode ver-se em vários postais ilustrados da altura, onde é possível ler o nome Hing Kee no topo da fachada.

E nasce o Boa Vista

Quase a terminar o século XIX, é inaugurado o Hotel Boa Vista, que mudaria de nome para Bela Vista em 1936 e cujo edifício serve actualmente de residência oficial do Cônsul-Geral de Portugal em Macau. Na edição de 1 de Julho de 1890, o jornal local “O Correio Macaense” informa que é “um edifício construído expressamente para hotel em uma situação linda”. Mas não terá sido bem assim, já que o edifício remontava a 1870 e fora construído para residência da família Remédios. O que teve foi obras de adaptação para hotel depois de ser comprado pelo inglês William Edward Clarke, capitão de um dos navios que faziam a ligação entre Macau e Hong Kong. Apesar da compra, a família Remédios manteve-se

a residir no edifício, assegurando a gestão do hotel, já que o novo proprietário continuou a trabalhar para a empresa Hong Kong, Canton and Macao Steamboat Co., como comandante do vapor “Heungshan”.

O jornal “Hong Kong Daily Press” de 4 de Julho de 1890 refere ser “uma importante contribuição para as instalações hoteleiras de Macau (...) o belo e novo edifício com 20 quartos, situado na Baía do Bispo”. Um anúncio no livro “A Handbook for Travellers in Japan”, publicado em 1891, garante tratar-se de “um lar confortável para famílias e senhores que desejem desfrutar do sossego benéfico e de uma mudança de ares no Verão ou no Inverno”.

Duches de água quente e fria, mesa de bilhar, sala de leitura, uma ampla sala de refeições e uma praia logo em baixo são os grandes trunfos do Boa Vista, cujos proprietários fazem uma aposta forte na publicidade (em inglês e em português), facto pouco habitual na época. O fragmento seguinte é de um anúncio de 1890: “Este hotel está situado à beira-mar numa das melhores e mais saudáveis zonas de Macau e oferece uma vista admirável virada a sul. O seu alojamento é inigualável no Extremo Oriente. Todo o conforto é proporcionado aos visitantes com uma excelente cozinha e vinhos, bebidas espirituosas e licores de malte das melhores marcas”.

Entre os hóspedes ilustres que se alojam no Hotel Boa Vista nos primeiros anos contam-se o então Governador de Hong Kong, Sir William Robinson (em 1892), e o almirante e diplomata brasileiro José da Costa Azevedo, Barão de Ladário (1894).

No final do século XIX, existiu ainda o Hotel Nacional, localizado no n.º 34 da Rua Central e propriedade do português António Jorge, mas este nome não surge referido no “Mappa dos Estabelecimentos Industriaes e Fabris, portuguezes e estrangeiros”, publicado no Boletim Oficial a 12 de Fevereiro de 1897. O documento menciona 16 “hospedarias” chinesas (não se referem nomes) e duas “hospedarias” de tipo ocidental: o Hing Kee Hotel e o Hotel Boa Vista. ▲

* Jornalista, autor de vários livros sobre a história de Macau e criador do blogue Macau Antigo (macauintigo.blogspot.com)

JOGOS ASIÁTICOS EM HANGZHOU

Atletas de Macau com ambição alta

Depois de muita expectativa em relação às competições regionais, a 19.^a edição dos Jogos Asiáticos arranca este mês, um ano mais tarde do que o originalmente previsto. À conversa com a Revista Macau, dois atletas locais contam que o adiamento não esmoreceu o sonho de conquistar medalhas para o território

Texto | Sandra Lobo Pimentel

CHEGOU finalmente a hora e nem o adiamento dos Jogos Asiáticos abalou as convicções dos atletas de Macau, que olham para o tempo extra como uma oportunidade para aperfeiçoar as suas aptidões.

A 19.^a edição dos Jogos Asiáticos, entre 23 de Setembro e 8 de Outubro, vai decorrer em Hangzhou, capital da província chinesa de Zhejiang. O evento, originalmente agendado para Setembro de 2022, foi adiado devido à pandemia da COVID-19.

A delegação da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM)

que vai participar na próxima edição dos Jogos Asiáticos integra 180 atletas de 21 modalidades.

Para os atletas de Macau, o trabalho árduo e a esperança são sempre factores importantes para encarar qualquer competição. Embora o adiar de uma prova possa abalar a preparação, especialmente após dois anos sem competições, dois atletas locais falam à Revista Macau sobre a necessidade de ultrapassar as adversidades mesmo antes de a competição ter início.

O karateca Kuok Kin Hang resignou-se com o facto de a

© DIRETOS RESERVADOS



A última edição dos Jogos Asiáticos decorreu em 2018, na capital da Indonésia





Kuok Kin Hang conquistou a medalha de bronze nos Jogos Nacionais da China em 2021

competição ter mudado de data, preferindo focar-se na realidade do quotidiano dos atletas. “Em competição, podemos a qualquer momento enfrentar certas situações e problemas; nessas alturas, é preciso ter uma mente forte e preparada para cumprir os objetivos”, refere o atleta.

Em Setembro de 2021, Kuok Kin Hang tornou-se no primeiro atleta local a conquistar uma medalha para a RAEM nos Jogos Nacionais da China, após garantir o terceiro

lugar na prova individual masculina de karaté na competição de kata.

O tempo extra, salienta, foi “aproveitado” na preparação. “É ver o lado positivo: temos mais tempo para nos prepararmos para esta edição dos Jogos Asiáticos”, sublinha.

Para Kuok Kin Hang, o momento será de despedida dos tatamis, pelo menos enquanto atleta de alta competição.

“Acredito que alguns atletas que pensavam em retirar-se, como eu, tenham pensado se iriam ou

não esperar por esta edição dos jogos, mas no meu caso, já tinha decidido que sim, que ia esperar pelos Jogos Asiáticos para fazer a minha última participação”, conta o karateca. “Estarei mais bem preparado, com mais tempo de treino. O meu objectivo não mudou, continua a ser o de conseguir a primeira medalha nesta competição. Este é o meu sonho. E, por isso, aproveitei este adiamento para treinar mais e melhor, mantendo uma atitude positiva.”

Um ano a mais de preparação acabou por fortalecer as expectativas de Kuok Kin Hang. “Quero mesmo ganhar uma medalha para Macau”, confessa. Com a integração da modalidade de kata pela primeira vez nos Jogos Asiáticos, nasce mais um desafio. “É uma categoria nova na competição de karaté e estarei a competir em equipa, com dois membros júnior da selecção da RAEM. Vamos formar uma equipa e, quem sabe, conseguir não só uma medalha individual, mas também uma medalha colectiva.”

Esperança revigorada

No voleibol de praia, Leong On Ieng tem uma perspectiva parecida. A atleta planeava decidir após os Jogos Asiáticos se continuaria a competir ao mais elevado nível, portanto, a notícia do adiamento foi recebida com algum choque, admite. “Quando soubemos do adiamento foi uma desilusão e isso atrapalhou o nosso plano de treinos e objectivos. Ainda quero perceber, com esta participação, se mantemos a paixão pelo desporto e se vamos continuar a jogar após estes Jogos Asiáticos”, acrescenta Leong On Ieng, que faz dupla com Law Weng Sam.

Um ano passado, o desejo de participar na prova fala mais alto, ainda que “o maior problema do adiamento”, explica, foi não saberem “por quanto tempo seria ou até se, no final das contas, [a competição] seria cancelada”. Ainda assim, a dupla continuou a preparação,

treinando, pelo menos, duas vezes por semana e complementando essa rotina com trabalho específico de ginásio.

“Acreditamos que podemos estar a bom nível em termos físicos. Mas mentalmente ainda vamos precisar de tempo para recuperar. Não somos atletas profissionais que têm várias oportunidades para competir” em provas internacionais, lamenta. Mas depois de ter treinado afincadamente com o objectivo de conseguir um bom resultado, a dupla mantém o optimismo. Com o aproximar da competição, os treinos passaram a três vezes por semana, aproveitando as férias do Verão para a preparação. O primeiro objectivo, refere Leong On Ieng, é passar à segunda ronda da competição.

A dupla participou em eventos em Fuzhou, no Interior da China, e Taiwan, no âmbito da Confederação Asiática de Voleibol. As duas competições foram uma oportunidade para “melhorar o ranking e tentar evitar os cabeças de série mais fortes nos Jogos Asiáticos”. “É algo muito importante para nós”, realça Leong On Ieng.

Olhos nas medalhas

Mesmo com o adiamento desta edição dos Jogos Asiáticos – e depois do sucesso alcançado nos Jogos Nacionais de 2021 –, a RAEM pode olhar para os horizontes das medalhas com mais um sério competidor: Kuok Kin Hang, que está



O meu objectivo não mudou, continua a ser o de conseguir a primeira medalha nesta competição. Aproveitei este adiamento para treinar mais e melhor

KUOK KIN HANG
ATLETA DE KARATÉ



Temos muitas adolescentes a jogar e talvez no espaço de dez anos possamos começar a ver frutos e ter bons resultados a nível regional

LEONG ON IENG
ATLETA DE VOLEIBOL

empenhado em terminar a carreira com mais uma conquista.

O karateca, que, em 2014, se juntou ao programa de atletas de elite lançado pelo Governo da RAEM, tem ambições elevadas para a sua última prova internacional. “Para mim, os Jogos Asiáticos são o evento mais importante, já que não consegui sair nestes últimos anos devido à pandemia, e o meu grande objectivo é ganhar uma medalha.”

O ouro, admite, será um objectivo difícil, mas um lugar no pódio está no horizonte. “Os favoritos ao ouro são atletas ao nível dos Jogos Olímpicos”, explica.

Com 31 anos celebrados em Junho, Kuok Kin Hang prevê que esta edição dos Jogos Asiáticos seja a sua última competição como atleta profissional, depois de ter alcançado um quinto lugar na edição de 2018, que decorreu na Indonésia. “Há muito talento na nossa selecção, muitos dos juniores já foram promovidos a seniores e têm muita capacidade, são fortes e podem ganhar medalhas. Creio que chegou a hora de me retirar.”

Com 15 anos dedicados à modalidade, o karateca faz parte do programa de atletas de elite da RAEM e treina seis vezes por semana, quatro a cinco horas por dia. Depois da participação na próxima edição dos Jogos Asiáticos, está na hora de se dedicar novamente aos estudos. “Antes de integrar este primeiro grupo de atletas de elite da RAEM tinha-me formado em comunicação e agora quero aproveitar

os benefícios desse programa e focar-me na vida académica, talvez em línguas estrangeiras, mas certamente voltarei à universidade.”

Voleibol, mas de praia

Leong On Ieng, de 27 anos, e Law Weng Sam, de 25, são a dupla feminina a representar Macau no voleibol de praia. As atletas fazem parte da selecção feminina da RAEM de voleibol em campo coberto e foi ideia de um treinador tentarem a sua sorte como dupla no voleibol de praia. Nesta modalidade seria mais fácil almejar a uma participação nos Jogos Asiáticos, algo que se torna mais difícil noutras vertentes do voleibol devido à valia das restantes selecções asiáticas, explica Leong On Ieng.

O treino mais regular só começou em 2019, mas a primeira vez que competiram juntas foi em 2014. Sobre os próximos Jogos Asiáticos, a atleta da RAEM sublinha que querem sempre ganhar, mas é preciso ser realista. “Não temos tanta experiência e, nos dias de hoje, nem sabemos bem em que nível estão as outras duplas”, visto que não participam em provas internacionais há alguns anos. “Não posso dizer que não quero um bom resultado, mas eu e a minha parceira vamos fazer o melhor que conseguirmos. Com a pandemia, não conseguimos sair de Macau para participar em outros eventos e competições e não competimos em voleibol de praia durante muito



Leong On Ieng (esq.) e Law Weng Sam participaram em provas durante o Verão para se prepararem para os Jogos Asiáticos

tempo. A experiência nesta vertente é bem menor comparada com a que temos em voleibol em campo coberto”, conta.

“O nosso treinador já nos alertou que há países e regiões que têm duplas com capacidade semelhante à nossa, como Hong Kong ou Singapura, por isso, se tivermos sorte com o sorteio, talvez consigamos ir mais longe na competição”, prevê. Sobre as grandes favoritas, aponta como as duplas mais fortes as equipas do Japão e da Tailândia.

Leong On Ieng está no mundo do voleibol há mais de dez anos, mas a vertente de voleibol de praia chegou mais tarde. “Os Jogos Asiáticos são o meu sonho e talvez a minha única oportunidade de estar nessa competição. Consigo imaginar que depois disso, posso continuar a jogar voleibol, mas de praia ainda não consigo dar resposta”, confessa.

Sobre o futuro do voleibol de praia em Macau, a atleta prevê uma evolução, desde logo pelo nível das

competições internas, que têm vindo a subir de qualidade.

“Temos muitas adolescentes a jogar e talvez no espaço de dez anos possamos começar a ver frutos e ter bons resultados a nível regional”, adianta. Sobre a possibilidade de a RAEM poder ser candidata a medalhas no contexto dos Jogos Asiáticos, a atleta crê que, à parte do trabalho técnico, mais apoio terá de ser canalizado ao nível dos subsídios para que os atletas locais tenham as condições necessárias para terem sucesso. ◀

a minha cidade

A ARTE, O DESIGN E A



CIDADE COMO TELA



Com mais de quatro décadas dedicadas ao design gráfico, publicidade e arte, **Wilson Chi-Ian Lam** deixou a sua marca em Macau, numa diversidade de trabalhos espalhados pelos vários bairros da cidade. As obras são usualmente o “leitmotif” para as visitas guiadas que faz aos amigos e durante as quais partilha histórias sobre Macau

Texto | Tony Lai

Fotografia | Cheong Kam Ka

WILSON Lam cresceu em Macau, mas, nos anos 1980, mudou-se para o Canadá, onde estudou e trabalhou durante duas décadas. Apesar da distância, o designer manteve sempre laços estreitos com a cidade natal, à qual acabaria por voltar. Foi no regresso que fundou a Macau Creations Ltd, onde hoje é director executivo e criativo.

a minha cidade

01 As raízes na península

AS RAÍZES de Wilson Lam podem ser rastreadas ao Reservatório de Macau, na península, onde a família viveu durante a sua infância. Com pais divorciados, o designer e os seus quatro irmãos tiveram de cuidar de si mesmos desde muito jovens e cresceram a brincar nas ruas da cidade.

“Desfrutámos de muita liberdade durante a nossa infância, estando por nossa conta enquanto o nosso pai trabalhava. Pudemos passar o tempo a passear e brincar por Macau”, conta à Revista Macau.

As brincadeiras e os passeios estendiam-se desde o reservatório até às zonas de Lam Mau e Sai Van, fazendo da cidade um autêntico parque recreativo. Mas foi na zona do reservatório que Wilson Lam criou as melhores memórias da infância e dos tempos em família, especialmente durante as corridas do Grande Prémio de Macau, evento que se realiza anualmente na cidade desde 1954.

“O circuito de rua era perto da minha casa e os espectadores tinham de passar pela nossa casa para chegar aos stands onde iam assistir ao Grande Prémio, na zona do reservatório”, refere o também artista. “Aproveitávamos a oportunidade para montar uma barraca à porta de casa todos os anos durante o período das corridas para vender chapéus, frutas e outros produtos.”



02 As montanhas como telas

APAIXONADO por pintura desde muito jovem, Wilson Lam interrompeu o ensino secundário para começar a carreira, em 1975, como

aprendiz numa empresa de publicidade local ligada à Associação dos Artistas de Belas-Artes de Macau (AABAM). “A maior parte dos anúncios impressos em Macau à altura eram concebidos e desenhados por pintores locais, pois era uma forma



Reservatório de Macau

de os pintores locais ganharem algum dinheiro”, realça.

Esta primeira fase no seu percurso profissional permitiu desenvolver aptidões como pintor, calígrafo e designer. Cinco anos volvidos, e com apenas 20 anos de idade, Wilson Lam criou a sua própria empresa de publicidade, a New Impression, em colaboração com Lai Ieng, um dos mais influentes pintores contemporâneos de Macau e ex-presidente da AABAM.

Muitos dos trabalhos realizados naquela época pela dupla de criativos focaram-se em instalações de rua como publicidade. Um desses exemplos foi um anúncio à cerveja Tsingtao – do qual alguns fragmentos ainda são visíveis – na Rotunda Tenente Pedro José da Silva Loureiro, junto a um posto de gasolina nas proximidades do que é hoje o edifício residencial Windsor Arch.

“Naqueles tempos não existiam painéis de publicidade exteriores em Macau. Portanto, estas instalações eram feitas directamente nas montanhas”, recorda.

Sem a ajuda de tecnologias como computadores e programas de desenho, tão comuns hoje em dia, os designers viam-se obrigados a fazer tudo manualmente. “Primeiro desenhávamos o esboço no papel para aprovação dos clientes. Em seguida, tínhamos de aumentar proporcionalmente o esboço, para posteriormente ser desenhado na montanha e colorido”, explica.

03 A importância da marca

EMBORA os vestígios da publicidade à cerveja Tsingtao possam facilmente passar despercebidos, serão muito poucas as pessoas que não repararam num outro feito de Wilson Lam.

Quem atravessa a Ponte Governador Nobre de Carvalho a caminho da Taipa, pode contemplar quatro caracteres chineses em cor vermelha, que identificam o empreendimento Jardins do Oceano, um importante projecto residencial com mais de 30 edifícios e cuja construção teve início na década de 1980.

“Concebi aqueles caracteres a pedido do promotor do empreendimento. Na altura, encarei o projecto apenas como um trabalho de caligrafia”, diz o designer. “Só após vários anos a trabalhar nesta indústria é que me percebi que aqueles quatro caracteres representam mais do que apenas caligrafia ou uma mera identificação do empreendimento. Na verdade, são parte fundamental do branding do projecto.”

Apesar de o negócio estar a correr bem, Wilson Lam decidiu deixar Macau em 1983, em busca do amor. “Na altura, a minha namorada já se tinha mudado de Macau para o Canadá há mais de dois anos... por isso, fiz o mesmo percurso para estarmos juntos”, explica.

Uma vez estabelecido no Canadá, o jovem empreendedor voltou à escola para concluir o ensino secundário, tendo depois optado por estudar design gráfico e corporativo na Ontario College of Art & Design University. Concluída a formação, Wilson Lam retomou a carreira profissional, tendo participado em vários projetos de branding e design com clientes de renome internacional.

a minha cidade

+MACAU

Apesar da distância, o designer manteve-se sempre ligado à cidade que o viu nascer, participando em vários eventos de arte e design em Macau. Na década de 1990, foi o vencedor do Prémio de Ouro do “Concurso de Design de Identidade Corporativa da Air Macau”, tendo ajudado a moldar o branding da principal companhia aérea da cidade.

04 O regresso a Macau

TESTEMUNHANDO as oportunidades que surgiram em Macau à luz do forte desenvolvimento da indústria do turismo, Wilson Lam regressou à já Região Administrativa Especial de Macau em 2009, lançando então a Macau Creations. O projecto visa dar a conhecer o

talento dos artistas e designers locais, ajudando a transformar as suas obras em produtos criativos, singulares e comercializáveis.

Segundo o empreendedor, Macau é um caso singular, pois, apesar de ser uma cidade pequena, “é uma mistura do antigo e do novo, do Oriente e Ocidente”, sendo um lugar “propício” ao desenvolvimento de talentos nas indústrias criativas e culturais.

A Macau Creations teve um trabalho pioneiro no território, tendo colaborado com a marca de produtos gastronómicos Choi Heong Yuen Bakery para criar, em 2010, o “Cunha Bazaar”, na Rua do Cunha, na Taipa, um destino popular entre os turistas que visitam Macau.

Para além de lembranças gastronómicas, a loja oferecia também produtos de designers e artistas

locais, sendo ainda um espaço para a realização de exposições. “No início, o proprietário da Choi Heong Yuen tinha dúvidas sobre a colaboração devido às diferenças das marcas e dos produtos”, recorda Wilson Lam. “Mas na verdade, não somos assim tão diferentes – somos marcas locais que fornecem lembranças tradicionais e novos tipos de produtos para turistas.”

A colaboração, porém, findou durante a pandemia da COVID-19, devido à escassez de turistas. Mas isso não significou o fim dos planos do artista para a Rua do Cunha. Outra marca local de produtos gastronómicos, da qual ele foi responsável pelo design, abriu recentemente uma nova loja no mesmo local. “Pelo menos, deixei a minha marca neste lugar”, conclui.



Jardins do Oceano



UM PORTO SEGURO PARA OS SABORES MACAENSES

Galinha africana, camarão frito e caril de caranguejo estão entre os pratos que fizeram do Maxim's Henri's Galley uma instituição no campo da gastronomia macaense. O estabelecimento é liderado há duas décadas por **Raymond Vong**, que diz procurar manter-se fiel aos sabores originais do restaurante, fundado pelo seu pai há quase meio século

gastronomias

Texto | Cherry Chan

Fotografia | John Mak

A BOA gastronomia macaense não se cinge a pratos que fascinam o palato: é necessária mestria para servir saberes únicos, portadores de história e estórias, tornando-os salientes entre cada garfada. É a essa missão que Raymond Vong se dedica há 20 anos, desde que assumiu as rédeas do restaurante Maxim's Henri's Galley, tomando o posto de comando das mãos do fundador, o seu pai, Henri Vong.

Perto de comemorar meio século de existência, o restaurante – criado em 1976 – segue receitas passadas de pai para filho. A ementa mantém-se intemporal, com vários clássicos com lugar cativo. O mesmo se prende com a decoração, inspirada em motivos náuticos – ou não fosse ‘galley’ um termo inglês para designar a cozinha de um navio e também um tipo de embarcação à vela.

A vida de Raymond Vong, de resto, entrelaça-se com a do Henri's Galley, situado na Avenida da República, junto ao que é hoje o Lago Sai Van. Nascido em Hong Kong em 1972, veio viver para Macau um ano depois. A infância decorreu com o restaurante como pano de fundo, até que a família se mudou para o Canadá quando Raymond

tinha 11 anos. O Henri's Galley, no entanto, manteve-se aberto, sob gestão de um familiar.

No Canadá, Henri Vong abriu uma segunda unidade da marca, na cidade de Calgary. “Apresentámos diversos pratos macaenses e portugueses aos locais”, recorda Raymond Vong.

DO MARKETING AOS TACHOS

Desde cedo que o jovem Raymond começou a dar apoio no restaurante: por volta dos 16 anos, já sabia o seu lugar na cozinha. “Era um negócio de família, por isso comecei a ajudar quando ainda era estudante. Ajudava a fazer todo o tipo de trabalhos na cozinha e, como o meu pai era o chef, aprendi a cozinhar com ele”, explica. Ainda assim, gerir um restaurante não era por essa altura um objectivo.

Na universidade, a escolha recaiu sobre uma licenciatura em marketing, ainda no Canadá. Com o canudo nas mãos, Raymond Vong trabalhou durante vários anos na área, já em Macau – a família regressou ao território durante a década de 1990. Em 2003, quando o pai anunciou pretensões de se reformar da liderança do Henri's Galley original, ao qual entretanto havia regressado, o negócio da família entrou pela vida dentro de Raymond Vong.

Embora gerir um restaurante seja diferente de cozinhar uma

campanha publicitária, os conhecimentos de gestão adquiridos no campo do marketing foram competências que ajudaram Raymond Vong a vingar na sua nova vida profissional. Do ponto de vista promocional, o nicho do Henri's Galley há já muito que estava definido: sabores autênticos, servidos num ambiente de tons nostálgicos.

Ao longo da sua história, o restaurante viveu diferentes fases, espelhando os vários ciclos de desenvolvimento do próprio território. Raymond Vong admite que os momentos de maior tensão ocorreram durante a pandemia da COVID-19. “Foi realmente um período difícil: nunca estive tão preocupado durante tanto tempo, mas felizmente ultrapassámos esses três anos”, recorda, num suspiro. Mesmo em tempos de tormenta, o Henri's Galley manteve-se como um porto de abrigo para a gastronomia macaense, uma tradição culinária centenária que funde sabores portugueses e chineses, misturando-os com ingredientes de outras paragens asiáticas e até mesmo de África. Em 2021, quando os organizadores da reputada lista “Asia's 50 Best Restaurants”, que distingue anualmente os melhores restaurantes do continente, decidiram seleccionar um grupo de estabelecimentos de cariz tradicional capazes de reflectir a diversidade gastronómica da Ásia, o Henri's Galley foi um dos escolhidos para



O restaurante Henri's Galley foi fundado em 1976 pelo pai de Raymond Vong

representar as cores de Macau, com a organização a elogiar a qualidade da sua galinha africana.

O prato macaense segue uma receita trabalhada por Henri Vong, cujos segredos foram passados a Raymond. O filho, entretanto, procedeu a alguns ajustes, de forma a apurar os sabores. A base, essa, mantém-se inalterada há décadas: frango grelhado servido num molho à base de manteiga de amendoim, tomate, malaguetas, coco e um toque de paprika. Sem temperos artificiais, a galinha é acompanhada de pão e batatas. “Os clientes

dizem-me que é muito saborosa e a carne muito tenra”, afirma Raymond Vong, orgulhoso.

O responsável salienta que a maioria dos pratos do menu vem já dos tempos do seu pai. A evolução deu-se ao nível dos ingredientes, com uma aposta na qualidade. E é isso, acredita, que tem ajudado o restaurante a manter-se à tona, mesmo face às tempestades mais fortes.

PREPARAR O FUTURO

Com as incertezas geradas pela COVID-19 para trás e com os ventos

da recuperação económica a encherem de esperança as velas do Henri's Galley, o desafio prende-se agora com encontrar sangue novo interessado em tomar o leme da gastronomia macaense. Raymond Vong defende que deve caber aos locais essa tarefa, até porque se trata de um tipo único de gastronomia, que carrega consigo a história e idiosincrasias de Macau.

De forma a contribuir para o futuro, o responsável tem, desde o ano passado, vindo a cooperar com um dos operadores de resorts integrados da cidade. A parceria assegura a disponibilização de pratos com assinatura do Henri's Galley nalguns dos principais complexos hoteleiros do território: cabe ao próprio Raymond Vong manter reuniões regulares com as equipas desses complexos, de forma a transmitir-lhes a essência de cada prato.

“Trabalhar numa cozinha de um restaurante tradicional é sempre uma tarefa difícil, é cansativo, e poucos jovens estão dispostos a fazê-lo. Se só podermos depender de trabalhadores não-residentes, é ainda mais difícil transmitir esta gastronomia pertença de Macau”, diz Raymond Vong, que preside à assembleia-geral da Associação Culinária de Macau. “Por isso, precisamos de encontrar formas de atrair pessoas capazes de se apaixonar por este tipo de culinária, para que se juntem a nós e possamos manter estes sabores.”

roteiro

+ ESPECTÁCULO

Descobrir o mundo no encalço de Alice

É arte, é performance literária, é teatro e é ilusão. O universo fantástico do clássico da literatura infanto-juvenil “Alice no País das Maravilhas” serve de inspiração e ponto de partida para “Curioso e Ainda Mais Curioso – Uma Escada para Encontrar Alice”, a experiência teatral que a Sociedade de Artes Visuais da Cidade de Macau proporciona aos mais novos até 25 de Setembro no átrio do Centro de Convenções e Entretenimento da Torre de Macau.

A iniciativa, que combina uma colorida instalação artística com performances teatrais aos fins-de-semana, propõe uma fantástica aventura que tem por base o quarto capítulo da famosa obra de Lewis Carrol, aquele em que o apressado, impaciente e angustiado Coelho Branco se parece resignar à fatalidade do destino e à inevitabilidade da passagem do tempo.

“Curioso e Ainda Mais Curioso – Uma Escada para Encontrar Alice”

LOCAL Átrio do Centro de Convenções e Entretenimento da Torre de Macau

DATA Até 25 de Setembro

HORÁRIO Segunda-feira a domingo, das 10 às 21 horas;
Performances teatrais aos fins-de-semana, às 15 e às 16 horas;

PREÇO Entrada Gratuita



MAIS INFORMAÇÃO

**+ EVENTO**

Acordes de Rachmaninoff embalam nova temporada

O bom filho a casa torna e o regresso de Lio Kuokman ao território para exercer o papel de director musical e de maestro principal da Orquestra de Macau é, provavelmente, o principal trunfo do colectivo sinfónico para a nova temporada de concertos. Nascido em Macau e formado em instituições como a Juilliard School e o Instituto de Música Curtis, o maestro vai dirigir a Orquestra de Macau num ano que tem como mote o 150.º aniversário do nascimento de Sergei Rachmaninoff.

Entre 2 de Setembro deste ano e 27 de Julho do próximo, as obras mais emblemáticas do compositor russo sobem ao palco do Centro Cultural de Macau e de outras salas de espectáculo da cidade pela mão de novos e velhos valores do universo da música.

Vencedores da Competição Internacional de Piano Van-Cliburn, o sul-coreano Yekwoon Sunwoo e o japonês Nobuyuki Tsujii vão interpretar algumas das obras mais icónicas de Rachmaninoff para piano. Mas pelo palco da principal sala de espectáculos do território vão passar também prodígios do violino e do clarinete, como a japonesa Akiko Suwanai ou os austríacos Andreas e Daniel Ottensammer, ou nomes consagrados da direcção musical, como o britânico Christopher Warren-Green, o austríaco Christian Arming e o húngaro Gábor Káli.

“Temporada de Concertos da Orquestra de Macau”

LOCAL Centro Cultural de Macau, Aula Magna da Universidade de Macau e outros locais

DATA Entre Setembro de 2023 e Julho de 2024

PREÇO Entre 150 e 400 patacas, dependendo do concerto

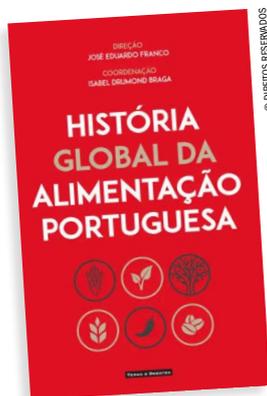


MAIS INFORMAÇÃO

+LIVRO

De como Portugal deu novos sabores ao mundo

Tida como um dos primeiros exemplos da cozinha de fusão, a gastronomia macaense é um dos aspectos mais genuínos do que Macau tem para oferecer em termos históricos e culturais. Manifestação intangível do entroncamento secular de civilizações, é o resultado de uma dinâmica de trocas, de intercessões e de polinizações nem sempre devidamente valorizadas e salientadas.



© DIREITOS RESERVADOS

Esse é, em parte, o propósito a que se propõe o livro “História Global da Alimentação Portuguesa”, recentemente lançado em Portugal. Dirigido por José Eduardo Franco, o volume agrega pequenas sínteses e ensaios da autoria de 68 autores que abordam, numa óptica cultural, o desenvolvimento e posterior globalização das práticas alimentares do povo português.

Mais do que um compêndio de receitas e de sabores, a obra aborda, de uma forma consubstanciada, os encontros, as trocas, as adaptações e as transformações que mudaram os hábitos alimentares dos portugueses e estiveram na origem de novos pratos e novas práticas culinárias nos quatro cantos do mundo, da América do Sul à Ásia, com particular incidência em Macau.

“História Global da Alimentação Portuguesa”

AUTORIA José Eduardo Franco (Direção), Isabel Drumond Braga (Coordenação)

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA História, Gastronomia

IDIOMA Português

PÁGINAS 608

EDITOR Temas e Debates

+NA REDE

O melhor de Macau na passerelle digital

A iniciativa teve tanto de inédito, como de pioneiro. Entre Fevereiro e 28 de Maio último, a Galeria de Moda de Macau acolheu a exposição “Para Além dos Limites: A Fronteira entre o Real e o Virtual – Moda da Grande Baía”.

Como a própria designação indica, o certame procurou reforçar os recursos tradicionais habitualmente ao dispor da indústria da moda do território com a mobilização de mais-valias digitais, com o propósito de dar uma maior visibilidade aos criadores e às criações não só de Macau, mas também das cidades e regiões que integram a Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

Os participantes projectaram as suas criações no portal electrónico da Galeria de Moda de Macau, uma plataforma digital criada pelo Instituto Cultural e pelo Centro de Produtividade e Transferência de Tecnologia de Macau que complementa o trabalho desenvolvido desde há 11 anos pela Galeria – localizada na Rua de São Roque – e que proporciona informação detalhada sobre os criadores, as marcas e os eventos que dão rosto à indústria da moda de Macau.



Galeria de Moda de Macau

ORGANIZAÇÃO Instituto Cultural e Centro de Produtividade e Transferência de Tecnologia de Macau

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Moda

IDIOMA Português, Chinês e Inglês



WEBSITE

<https://macaofashiongallery.com/pt-pt/>



“CEREMONIAL FIRE”
Pintura a óleo

Leo Yuen Wai Ip

NASCIDO em 1974 em Macau, Leo Yuen Wai Ip deu os primeiros passos no mundo das artes ainda muito jovem, sob a orientação do conceituado artista local Yiu Fong. Após ter completado os estudos na Escola Secundária Pui Ching, seguiu para Hong Kong, onde se formou em design na Hong Kong Polytechnic University.

Embora conte passagens pela aquarela e pela ilustração, Leo Yuen consolidou o seu

percurso artístico no campo da pintura a óleo. O artista assume uma preferência por temas contemporâneos, colocando o foco dos seus trabalhos nas emoções e natureza interior humanas. As mostras em nome individual são escassas, mas recentemente mais de 40 obras da sua autoria estiveram em exposição num dos resorts integrados do Cotai. ▲

Colección de Selos
de Macau

澳 門 郵 票 收 藏

Collect
Macao's Stamps

09/10/2023

歡慶
Festejo
Rejoicing



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau





主動
Pró-activo
Be motivated

+1

貼心
Carinhoso
Be considerate

+1



熱情
Entusiasta
Be passionate

+1

禮貌
Bem educado
Be polite

+1



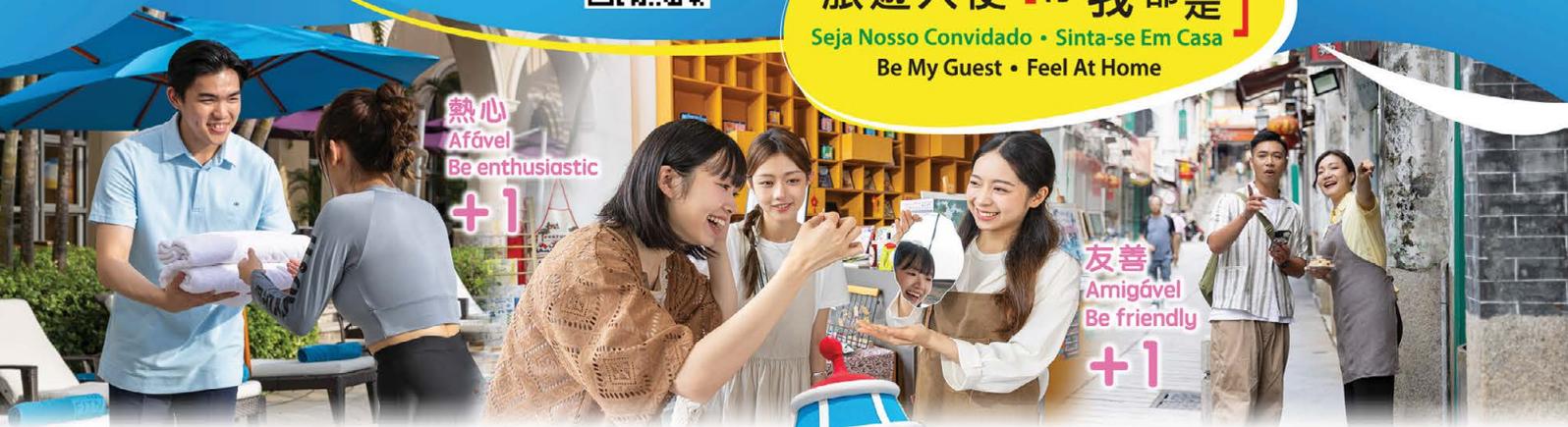
澳門有禮運動

Campanha de Cortesia de Macau
Macao Courtesy Campaign



旅遊大使「你我都是」

Seja Nosso Convidado • Sinta-se Em Casa
Be My Guest • Feel At Home



熱心
Afável
Be enthusiastic

+1

友善
Amigável
Be friendly

+1



親切
Amável
Be sincere

+1

旅遊大使
你我都是
Seja Nosso Convidado • Sinta-se Em Casa
Be My Guest • Feel At Home



澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE